



Vanguarda sonora

Livro e CD de professores do Instituto de Artes revelam criatividade da música erudita contemporânea

Pág. 7

Baratas em aldeias

Biólogo constata infestação de comunidades indígenas pelo inseto e divulga método de controle

Pág. 3

Determinismo genético

Livro mostra que retórica do Projeto Genoma Humano desconsidera complexidade dos genes

Pág. 13



Visões sobre a inclusão digital no País

Leishmaniose ameaça São Paulo

Transmitida principalmente por cães e animais silvestres, doença cresce nos centros urbanos do Estado

Págs. 8 e 9



Daniel Patire

Memória da era colonial

Campus de Franca recebe documentos que o Conselho Ultramarino de Portugal produziu sobre o Brasil entre os séculos XVI e XIX

Pág. 16



Reprodução

Verdades indígenas e verdades acadêmicas

LIN CHAU MING

Ministrar cursos extracurriculares é uma das atividades que mais me dão prazer, pois consigo adquirir outras experiências e ter contato com pessoas de diferentes regiões e características culturais. E sempre posso usar essas experiências em minhas próximas aulas, ou mesmo em outros cursos ou palestras.

Dois anos atrás, em Tangará da Serra (MT), ministrei um curso sobre etnobotânica na Unemat (Universidade do Estado de Mato Grosso). Entre os alunos, oriundos de diversas áreas, havia alguns índios, pois aquela Universidade mantinha um programa especial de educação superior indígena, para capacitação de professores das nações que habitam a região. Além deles, outros estudantes indígenas, de cursos regulares da Universidade, assistiam também ao meu curso.

Durante as aulas, expliquei para os alunos o papel das comunidades tradicionais na domesticação e conservação de recursos genéticos, em particular os alimentares, dando um dos exemplos mais consagrados na história humana, que é o do milho. Assinalei que, no Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México, havia um setor que exibia os achados arqueológicos daquele país, mostrando como e quando os povos da região haviam feito a seleção e o melhoramento do milho, milênios após milênios, indicando o caminho que a planta tomou, desde as épocas remotas até os dias de hoje. Esse percurso tornou o vegetal extremamente dependente do ser humano para sua própria reprodução.

Apresentei diversas fotos dessa relação homem/planta e alguns alunos perguntaram várias coisas sobre o assunto. Nenhum deles, porém, era indígena. No momento, pensei que, talvez por dificuldade na fala, talvez por timidez, vergonha, eles não tivessem falado durante o curso, que durou apenas parte de dois dias.

Terminado o curso, como no dia anterior, fui jantar no restaurante do campus, junto com alguns estudantes e professores. Fiquei surpreso quando, antes de me sentar à mesa, fui rodeado por cinco alunos índios. Eles queriam falar comigo e apresentavam um semblante sério. Uma aluna, professora indígena de uma etnia da região, começou a conversa. Disse que eles, apesar de terem gostado do curso, não concordavam



Cacar Palikur - imagem extraída do livro Ponte entre povos, organizado por Marliu Miranda

comigo sobre aquela história de domesticação do milho, e afirmavam que o vegetal não era originário da região onde hoje é o México. Para eles, o milho pertencia à sua etnia, era uma planta brasileira, então.

Aprendi que as diferenças culturais devem ser conhecidas e respeitadas pelos pesquisadores

Conforme me foi dito ao longo do jantar – numa conversa que se estendeu por mais algum tempo e, depois, ainda em contatos via Internet –, os integrantes daquela nação, desde o início de sua existência, acreditam que o milho foi levado a eles por um gafanhoto. O inseto conseguiu trazer sementes escondidas

em suas partes íntimas, de um local dominado pelo rato, que não permitia que as sementes saíssem dali. Várias tentativas foram necessárias antes de ele lograr êxito.

Desse modo, numa tradição oral, tal história é contada e recontada entre os integrantes daquele povo, dando continuidade ao ensinamento desse aspecto de sua vida cultural.

Acostumado a discutir com todos que assistem a meus cursos, palestras ou aulas, senti-me extremamente desconfortável naquele momento, nunca antes havia me sentido daquela maneira. Achei que tinha dito uma grande inverdade, que aqueles indígenas, nesse assunto, estavam com a razão, estavam certos em suas alegações.

Fiquei decepcionado comigo mesmo pela maneira que ministrei o curso. Deixei-me levar pelo calor da aula e pela profusão de dados de pesquisas científicas sobre a domesticação do milho, e não consegui perceber que as diferenças culturais devem ser conhecidas e respeitadas.

Sim, para aqueles índios, o milho não foi domesticado pelos povos que habitaram a América do Norte, como eu mencionara, mas, sim, proporcionado por entidades de seu domínio cultural, que poderiam ser diferentes, ainda, conforme a etnia que as cultuasse. Essa era a sua verdade. Apesar de pontuar esses aspectos em diversas ocasiões em minhas atividades

acadêmicas, esqueci de levar isso em consideração.

Cada povo tem suas próprias crenças e verdades e a academia deve reconhecer essas diferenças. Os ensinamentos da academia (que tentamos passar nas salas de aula) são apenas uma parte da ciência (ou do conhecimento humano) e não são o verdadeiro, no contexto geral. Existem outras verdades que devem ser conhecidas, e, novamente, respeitadas.

Essa experiência me marcou muito. Agora, posso contar mais uma versão sobre a história (estória) do milho em minhas aulas.

Lin Chau Ming é engenheiro agrônomo e docente no Departamento de Produção Vegetal – Setor Horticultura da Faculdade de Ciências Agrônômicas, campus de Botucatu. Atualmente, realiza o seu pós-doutorado na Columbia University, em Nova York, na área de Etnobotânica.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Marcos Macari
 Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
 Pró-reitor de Administração: Julio Cezar Durigan
 Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
 Pró-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
 Pró-reitor de Pesquisa: José Arana Varela
 Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
 Secretário-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
 Chefe de Gabinete: Kléber Tomàs Resende
 Assessoria de Informática: Alberto Antonio de Souza
 Procuradoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
 Assessoria de Relações Externas: Elisabeth Criscuolo Urbinati
 Diretores/Coordenadores-executivos das Unidades Universitárias: Paulo Roberto Botacin (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araçatuba), Rosemary Adriana Chiénci Marcantonio (FO-Araçatuba), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araçatuba), Maysa Furlan (IQ-Araçatuba), Antonio Celso Ferreira (FCL-Assis), Antonio Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Joel Spadaro (FM-Botucatu), Maria de Lourdes Mendes Vicentini Paulino (IB-

Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-Botucatu), Mário de Bení Arrigoni (Dracena), Ivan Aparecido Manoel (FHDSS-Franca), Tânia C. A. M. de Azevedo (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), Roberval Daiton Vieira (FCAV-Jaboticabal), Tullo Vigevani (FFC-Marília), João Lima Santana Neto (Ourinhos), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Hugo Benez (Registro), Amilton Ferreira (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Messias Meneguette Junior (Rosana), Johnny Rizzieri Olivieri (Ibilce-São José do Rio Preto), Paulo Villela Santos (FO-São José dos Campos), João Cardoso Palma Filho (IA-São Paulo) e Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba) e Elias José Simon (Tupã).



Governador: José Serra

SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR
 Secretário: José Aristodemo Pinotti

Jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - Mac0007 - Ano XXI - Nº 222

Assessor-chefe: Mauricio Tuffani
 Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
 Editor: André Louzas
 Redação: Dênio Maués, Genira Chagas e Julio Zanella
 Programação Visual: J&I Artes Gráficas
 Colaboraram nesta edição: Brenda Volavicius, Ligya A. B. da Silva e Regina Agrella (fotografia); Daniel Patire (texto e fotografia)
 Produção: Mara Regina Marcatto
 Revisão: Maria Luiza Simões
 Versão on-line: Paulo Rocha
 Tiragem: 15.000 exemplares
 Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI).
 A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
 Endereço: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-905, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
 Home-page: <http://www.unesp.br/jornal/>
 Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.

Combate às baratas em aldeias

Após verificar infestação alarmante no País, biólogo de Botucatu propõe método de controle do inseto

As comunidades indígenas do Brasil apresentam infestações alarmantes de baratas, segundo um levantamento feito em 668 aldeias do País. A pior situação foi encontrada na tribo matokodakwa, em Brasnorte (MT), onde muitos índios tinham feridas provocadas por baratas nos ombros, costas e rosto. Houve até casos de crianças com esses insetos na cavidade auditiva. Para enfrentar a situação, o biólogo Wilson Uieda, professor do Instituto de Biociências, *campus* de Botucatu, está promovendo a divulgação de um método de controle dessa praga, por meio de iscas à base de ácido bórico.

O levantamento nacional foi promovido pelo Desai (Departamento de Saúde Indígena), ligado ao Ministério da Saúde, sob a coordenação de Uieda. Os dados foram obtidos a partir das respostas a questionários enviados aos 34 DSEIs (Distritos Sanitários Especiais Indígenas) brasileiros.

A disseminação desse inseto vindo da Europa está relacionada à falta de higiene domiciliar. Nas casas das aldeias, há sobras de comida no chão, utensílios de cozinha guardados sujos e alimentos armazenados de forma inadequada. Uieda explica que os indígenas brasileiros, que eram nômades, começaram a viver em residências fixas após o avanço da colonização dos brancos, dos quais adotaram os hábitos alimentares. "Todo esse histórico foi favorável à instalação das baratas domésticas nas aldeias", conclui.

As baratas são focos de disseminação de bactérias, fungos, vírus, helmintos e protozoários. Esses microrganismos causam enfermidades como conjuntivites, gastroenterites, infecções urinárias, pneumonias, verminoses, micoses, poliomielite, hepatite e pneumonia, entre outras.

Solução

A fim de combater o problema, Uieda e a equipe do Desai elaboraram o folder *Uso de iscas de ácido bórico no controle de infestação de baratas em aldeias indígenas*, com orientações sobre o uso da substância contra o inseto. O estudo foi apresentado na I Mostra Nacional de



As baratas, que se alojam em lugares como o teto das moradias (acima), com frequência mordem os indígenas, deixando marcas em sua pele (ao lado), mas podem ser eliminadas com iscas à base de ácido bórico (abaixo)

Fotos: Wilson Uieda

Saúde Indígena, em Brasília, em outubro de 2006, tendo sido considerado o terceiro melhor trabalho.

Uieda sugeriu a aplicação do ácido bórico após testar o método utilizado pela Dival/DF (Diretoria de Vigilância Ambiental do Distrito Federal). Um bolo com ácido bórico, água, queijo ralado, farinha de trigo, açúcar e leite em pó é colocado entre as 16 h e as 19 h, preferencialmente, em partes altas da residência, para evitar riscos para crianças, gatos ou cães. Esse horário de aplicação é devido aos hábitos noturnos do inseto.

As iscas já foram colocadas em 38 aldeias, onde a infestação caiu drasticamente. "Ao contrário do que ocorre com os inseticidas sintéticos, no caso da aplicação da isca de ácido bóri-



co, as pessoas podem ficar em suas residências e as galinhas ou outros pássaros não são contaminados ao comer as baratas mortas", diz o biólogo.

Em março deste ano, Uieda visitou três aldeias de índios ianomâmis e duas tribos de tucanos na região de São Gabriel (AM), para visitar suas condições de saúde. Enquanto nas comunidades de tucanos foi constatado um bom nível de limpeza, entre os ianomâmis havia uma alta concentração de baratas.

Daniel Patire



GEOGRAFIA/ANTROPOLOGIA

Ciência em defesa da terra guarani

Mapeamento, computação e entrevistas auxiliam comunidade a conhecer região e preservar tradições

Uma iniciativa de pesquisadoras do *campus* de Rio Claro poderá contribuir no esforço de demarcação de terras e preservação do patrimônio cultural e ambiental de áreas indígenas. A equipe trabalha com a comunidade da aldeia guarani M'bya Tekoa Pyau, localizada no Distrito de Jaraguá, na capital paulista, estudando as formas de representação espacial indígena e utilizando recursos da Engenharia e da Cartografia para auxiliar no mapeamento da região.

As atividades são orientadas pela antropóloga Bernardete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira e pela geógrafa Maria Isabel Castreghini de Freitas, do Departamento de Planejamento do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). Também participam dos trabalhos a mestrande Márcia Pereira Cabral e a aluna de graduação Letícia Giuliana Paschoal.

No mestrado que desenvolve, Márcia enfoca o mapeamento dos aspectos físicos e socioeconômicos da aldeia e seu entorno, utilizando a cartografia digital, o sensoriamento remoto e o SIG (Sistema de Informação Geográfica). "O projeto busca fornecer dados cartográficos e computacionais que permitam à comunidade indígena um maior entendimento, controle e domínio de seu espaço", conta.

As ações estão sendo realizadas em parceria com o Ceci (Centro de Educação

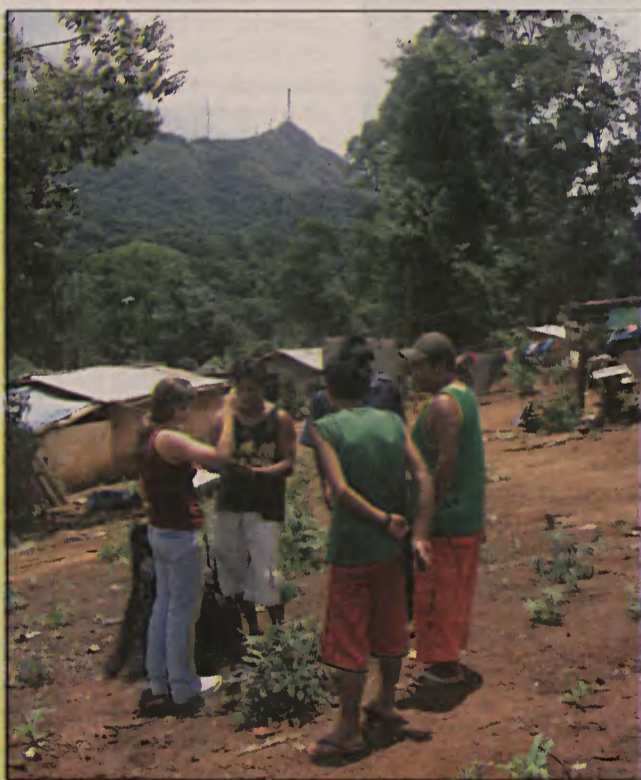
e Cultura Indígena) e o Núcleo de Educação Indígena da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Sobre a aldeia

A Terra Indígena (TI) do Jaraguá, onde se encontra a tribo guarani, fica na altura do km 20 da Rodovia dos Bandeirantes. "A aldeia está próxima ao Pico do Jaraguá, que está em uma Unidade de Conservação", afirma Márcia. Trata-se de um trecho de floresta aberto a visitantes para fazer trilhas e turismo. "Essa área, porém, não pode ser utilizada pela comunidade indígena como forma complementar de sua dieta e caça", assinala.

A análise do uso do solo no entorno da TI é de grande importância, pois a região é predominantemente urbana, o que contrasta com o modo de vida indígena. Bernardete enfatiza que a aldeia está cercada pela metrópole e não tem como reivindicar mais terras. "E, aos poucos, seu espaço está sendo invadido, gerando conseqüências negativas para a comunidade que ali vive", adverte.

Letícia, aluna do curso de Geografia do IGCE e bolsista da Fapesp, desenvolve



O grupo discute com a tribo questões como ocupação da terra

Divulgação

mentação de seu espaço", diz Letícia. "Realizamos entrevistas com alguns idosos da comunidade pois queremos colher dados sobre a visão de mundo desses indivíduos. Suas representações serão coletadas por meio de desenhos elaborados pelos entrevistados e seus depoimentos."

Cursos de extensão

O projeto inclui três cursos de extensão para a comunidade local, realizados por meio do Cecemca (Centro de Educação Continuada em Educação Matemática, Científica e Ambiental) da UNESP. Participam dos cursos cinco jovens da aldeia com escolaridade entre a 5ª série do ensino fundamental e o 2º ano do ensino médio.

O primeiro curso, entre janeiro e fevereiro, envolveu uma introdução às noções cartográficas. O segundo, que terminou em março, apresentou os resultados das pesquisas da equipe no local e introduziu técnicas computacionais e de manipulação de SIG. O terceiro, que se realiza entre abril e maio, prevê a elaboração de um *site* bilíngüe com informações que a aldeia julgar relevantes.

Oscar D'Ambrosio

LINGÜÍSTICA

Dicionário esclarece o grego

Obra pioneira em cinco volumes busca facilitar consulta e subsidiar leitura e tradução do idioma

As pesquisadoras Maria Celeste Dezotti, Maria Helena Neves e Daisi Malhadas, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), campus de Araraquara, lançaram em fevereiro o primeiro fascículo do *Dicionário grego-português* (Ateliê Editorial, 264 págs., R\$ 70, informações: ateliê_editorial@uol.com.br, 11-4612-9666). Planejada em cinco volumes, a serem publicados a cada semestre, a obra só deve estar totalmente disponível no segundo semestre de 2008.

O projeto foi desenvolvido no Departamento de Linguística da FCL e levado adiante por uma equipe de 16 professores, da UNESP e de instituições como a USP e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de pesquisadores colaboradores. São aproximadamente 50 mil entradas, que incluem o vocabulário do *Novo Testamento*, verbetes complexos apresentados em quadros explicativos, informações sobre dialetos, etimologia, definições e exemplos, além de explicações sobre regência nominal e verbal.

Organizado com um foco didático, o primeiro volume – de alfa a delta – traz as possibilidades de uso dos principais verbetes. “A obra é destinada a todos os falantes de português que desejam estu-



Kóre da Acrópole de Atenas (530-520 a.C.)

dar e aprender a língua grega, servindo-se dela para compreender textos nas diversas áreas do conhecimento”, diz Denise, professora aposentada da FCL e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos.

O projeto começou em 1989 e adotou, para a publicação em fascículos, o modelo feito na Espanha por Francisco Adrados. A idéia é publicar aos poucos o material elaborado, permitindo gradativo acesso ao que foi feito. “Desse modo, pode-se contar, ainda durante os trabalhos de continuação do preparo da obra, com a avaliação, a crítica e a opinião dos helenistas, lexicógrafos e usuários”, acredita Denise.

Uma preocupação fundamental foi a de publicar um dicionário para pesquisadores, mas apresentado da maneira mais clara possível, com a inserção de quadros e visual que facilitasse a leitura. “O que se pretende é um dicionário que, sem abrir mão de rigor científico e metodológico, mantenha a clareza e a simplicidade, oferecendo facilidade de consulta aos não-especialistas e respostas diretas, dosadas para subsidiar as atividades de leitura e tradução do grego clássico e híbrido”, acrescenta Maria Celeste.

Oscar D'Ambrosio

COMUNICAÇÃO

A “época de ouro” do rádio em Botucatu

A história do meio de comunicação no município entre 1950 e 1970 é tema de estudo



Arquivo Benedito Santo Rosa

Faculdade de Medicina (FM), além de eventos como carnavais e festas juninas, em que o veículo ajudava a mobilizar a população.

Em seguida, o texto focaliza a história do rádio em Botucatu, enfatizando os programas de audiotório, produções jornalísticas e transmissões esportivas. “Esco-

Cena do programa *No reino da gurizada*, na rádio PRF-8

Adriana Maria Donini, da Assessoria de Comunicação e Imprensa do Instituto de Biociências, campus de Botucatu, lançou, em março, um livro sobre a intensa relação entre o rádio e o seu público no município, ao longo de três décadas. A partir, principalmente, de depoimentos de radialistas, familiares de locutores e ouvintes da época, a obra *No ar: rádio em Botucatu, anos 1950 a 1970* (Secretaria Municipal de Cultura de Botucatu, 166 págs., R\$ 15,00, informações: 14-8137-8436) busca mostrar o espírito do veículo, a natureza da programação e a influência mútua entre esse meio de comunicação e a sociedade local.

Inicialmente, o livro apresenta a história do rádio no Brasil e aborda aspectos políticos, culturais e sócio-históricos de Botucatu e do País. São analisados fatos como a criação da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), atual

lhí os anos de 1950 a 1970 porque representam a época áurea do rádio no município e, também, porque existiam poucos trabalhos sobre essa fase”, comenta Adriana.

A Secretaria Municipal de Cultura apoiou a publicação da obra. Segundo o secretário Luiz Roberto de Oliveira, o livro inicia uma linha de fomento da produção de autores botucatuenses inéditos e ajudará a formular um projeto que comporá o Programa de Incentivo e Difusão da Produção Artística e Cultural da Secretaria.

Adriana já produziu e apresentou o programa *Na janela*, da Rádio Veritas FM. Atualmente, realiza a produção de programas radiofônicos que têm o objetivo de divulgar as pesquisas e atividades do Centro de Metabolismo em Exercício e Nutrição (Cemenutri), da FM, e enfatizar hábitos alimentares saudáveis. Nove roteiros já estão redigidos e quatro, gravados.

(OD)

EXTENSÃO

Evento estimula alunos a produzir livros

Estudantes de escolas públicas escrevem, desenham e acompanham confecção de obras

No dia 12 de março, ocorreu em São Paulo a primeira Oficina de Criação Literária, reunindo alunos da Escola Estadual Professor Pedro Voss. Esse evento é promovido pela Universidade do Livro para criação coletiva de livros infantis e juvenis e acompanhamento do processo de paginação e impressão de uma obra. Ao longo do ano, serão realizadas dez Oficinas com estudantes de escolas públicas da capital, quatro com crianças de 8 a 12 anos e seis com jovens de 13 a 17 anos.

Projeto elaborado pela Universidade do Livro e pelo Núcleo de Projetos Especiais da Fundação Editora da UNESP, a Oficina de Criação Literária foi premiada em 2006 pelo PAC (Programa de Ação Cultural) nº 8, da Secretaria do Estado da Cultura.

No encontro que deu início ao projeto, um grupo da 3ª série do ensino fundamental, com idades entre 8 e 9 anos, produziu tantas histórias e desenhos que superou as expectativas. “Eles vieram motivados de tal forma que pudemos falar sobre estrutura narrativa, e estavam tão animados para escrever que combina-

mos com a professora que terminassem as histórias em sala de aula, para darmos continuidade às atividades da oficina”, afirma a escritora Heloísa Prieto.

Heloísa coordena essa iniciativa com Miriam Goldfeder, editora responsável pelo projeto e coordenadora de Cursos e Formação da Universidade do Livro. Também participam dos trabalhos o ilustrador Caetano Melo dos Santos, o Caeto, que auxilia na produção dos desenhos das histórias, e o diretor de arte Marcello Araújo, responsável pela elaboração do projeto gráfico dos livros.

Para Dalva Regina da Silva, docente da Escola Professor Pedro Voss, deveria haver mais atividades desse tipo. “Os alunos escrevem muitas histórias na escola, mas o fato de estarem em uma editora é diferente, ainda mais pela possibilidade de produzir um livro”, comenta. Cada oficina envolve por volta de 25 alunos, com atividades de criação, edição, produção e impressão provisória de um livro. Os encontros estão ocorrendo na Praça da Sé, 108, na capital.

Brenda Volavicius



Brenda Volavicius

A produção das crianças durante a oficina promovida em março superou expectativas



EXTENSÃO

Ônibus apóia ação social e jurídica

Veículo adaptado a atividades de estágio em Franca integra programa "UNESP a serviço da comunidade"

O Centro Jurídico Social (CJS), unidade auxiliar do *campus* de Franca, ganhou um novo recurso de atendimento à população. Em evento realizado no *campus*, no dia 11 de abril, a Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex) entregou à Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) um ônibus adaptado para oferecer orientação sociojurídica no município e cidades vizinhas.

Durante a cerimônia, a pró-reitora Maria Amélia Máximo de Araújo lançou o programa "UNESP a serviço da comunidade". "Na Proex, planejamos esse programa para que, com unidades móveis, possamos atender a sociedade, levando conhecimentos da sala de aula para uma realidade prática e, ao mesmo tempo, possibilitar que as comunidades desfrutem dos benefícios gerados intramuros", assinalou Maria Amélia.

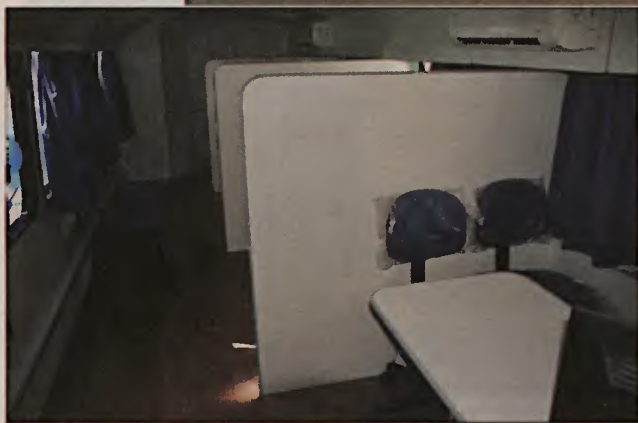
O "escritório itinerante" permitirá que os estagiários do Centro se desloquem para as periferias das cidades da região. O ônibus pertencente à Universidade foi reformado para atender às necessidades do Centro, segundo projeto desenvolvido pela Proex e a FHDSS. Com quatro computadores, distribuídos em baias, o veículo permitirá um atendimento personalizado. Uma ante-sala possibilitará o cadastramento e a seleção dos casos, além de servir de sala de espera.

"Com o ônibus, pretendemos iniciar o projeto 'Orientação Sociojurídica Itinerante', que permitirá a orientação, sobretudo, daquela população com dificuldade de acesso à justiça", explica a professora Cirlene da Silva Oliveira, supervisora do CJS.

O evento teve a presença, entre outras autoridades, do vice-reitor da UNESP, Herman Jacobus Cornelis Vo-



O coletivo foi reformado e seu interior recebeu baias e computadores para melhor atendimento ao público



orwald; do prefeito de Franca, Sidnei Franco da Rocha; do monsenhor José Geraldo Segantin; e do diretor e do vice-diretor da FHDSS, respectivamente, Ivan Aparecido Manoel e Fernando Andrade Fernandes.

Ações do Centro

Criado em 1990, e elevado à categoria de unidade auxiliar em 1992, o CJS é um laboratório jurídico e social da FHDSS, onde alunos de Direito e Serviço Social fazem estágio e complementação da formação acadêmica por meio de atendimento interdisciplinar à comunidade, sob a supervisão de profissionais das áreas e docentes da Faculdade.

Os serviços prestados a pessoas com rendimento familiar de até quatro salários mínimos vão desde orientação

sociojurídica e visitas às residências para análise socioeconômica, até a abertura de processos e acompanhamento em audiências. Todo o atendimento é feito por uma dupla de alunos, um de cada curso. "Isso possibilita que os estudantes de Serviço Social tenham um maior conhecimento da legislação, e também auxilia a 'humanizar' o Direito para os graduandos desse curso", explica Jacqueline Souza Modesta, estagiária do CJS e quartanista de Serviço Social.

Além dos casos atendidos na Unidade, as duplas de estagiários também estão presentes em três dos cinco Cras (Centros de Referência e Assistência Social) da Prefeitura de Franca. Em 2006, o CJS orientou 5.261 pessoas, teve 500 processos em andamento e acompanhou 110 audiências.

Daniel Patire

Centro desenvolve projetos para presidiários e suas famílias

Dois projetos do Centro Jurídico Social (CJS) são voltados exclusivamente para esclarecimento dos presidiários sobre seus direitos e os de suas famílias. "Partimos da premissa de que os detentos estão privados somente de sua liberdade, enquanto outros direitos devem ser assegurados pelo Estado", explica Leliana Fritz Siqueira Veronez, advogada responsável do Centro.

O primeiro projeto orienta parentes dos detentos sobre o direito de receber o Auxílio Reclusão. Esse auxílio é um benefício previdenciário dado aos dependentes do condenado que, no momento de sua prisão, estava em dia com sua contribuição à Previdência Social. "Além do atendimento, a dupla de alunos desse projeto faz um estudo teórico do benefício em questão", diz Leliana.

Um outro trabalho busca resgatar a auto-estima das mulheres encarceradas. O projeto, desenvolvido em São José da Bela Vista, destina-se a esclarecer a mulher que cumpre pena em relação a seus direitos. No momento, a iniciativa está suspensa devido à transferência das presas da cadeia daquele município para Batatais. (DP)



Equipe se empenha na defesa de direitos de presos

Daniel Patire

ECONOMIA

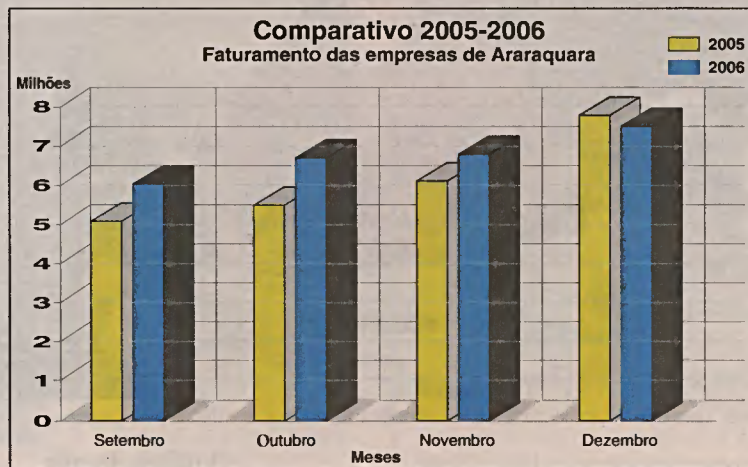
Araraquara produz Índice de Pequeno Varejo

Indicador é fruto de parceria com entidades do comércio e deverá envolver dados de 350 empresas

O Núcleo de Conjuntura de Estudos Econômicos (NCEE) do *campus* de Araraquara desenvolveu um estudo piloto para calcular o Índice do Pequeno Varejo (IPV) da cidade. O indicador é importante para medir a evolução do varejo do município, de acordo com o economista Elton Eustáquio Casagrande, coordenador do Núcleo – que é ligado ao Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL).

O estudo sobre o IPV é resultado de uma parceria do NCEE com o Sincomércio (Sindicato do Comércio Varejista) de Araraquara e a Fecomércio (Federação do Comércio do Estado de São Paulo). "Araraquara é a primeira cidade do Interior paulista a realizar essa pesquisa", acentua Casagrande. "Ela também será útil para estabelecer políticas de desenvolvimento."

Criado na década de 1980 pela Fecomércio e aplicado apenas na cidade de São Paulo, o IPV é calculado a partir de dados coletados entre pequenas empresas comerciais. Entram na definição do índice o faturamento, o valor da folha de pagamento e o número de empregados.



Dezembro de 2006

Em janeiro, foram apresentados os primeiros resultados do IPV em Araraquara, obtidos a partir de dados colhidos em 50 empresas nos quatro últimos meses de 2006 e comparados com números do mesmo período do

ano anterior. A pesquisa confirmou a baixa expectativa de faturamento em dezembro, que foi 3,87% inferior ao mesmo mês de 2005. Apesar do baixo faturamento nesse mês, o comércio cresceu 7,7% no último quadrimestre de 2006, em comparação com igual período de 2005.

Para a elaboração dos próximos índices, Casagrande deseja fazer a coleta dos dados em 350 empresas até setembro deste ano. "Esse estudo piloto divulgado em janeiro visa demonstrar a complexidade do cálculo do IPV. Os resultados obtidos apresentam 95% de confiabilidade, porcentual que se elevará quando aumentarmos o universo de amostragem", argumenta.

Com a ampliação do número de empresas participantes, serão analisados nove subsetores comerciais: lojas de departamentos; de eletrodomésticos e eletroeletrônicos; móveis e decorações; vestuário, tecidos e calçados; supermercados e hipermercados; farmácias e perfumarias; concessionárias de veículos; autopeças e acessórios; e materiais de construção. (DP)

FÍSICA

Resíduos viram tijolos e cerâmicas

Bagaço de cana, óleo queimado e lodo de esgoto são usados para obter novos itens para construção

Geralmente considerados inúteis pelas empresas, restos de material industrial e orgânico, como bagaço de cana-de-açúcar, óleo queimado e lodo de tratamento de água e esgoto doméstico, poderão ajudar a produzir tijolos, telhas, pisos cerâmicos e carvão vegetal. Os experimentos estão sendo realizados pelo físico Silvio Rainho Teixeira, na Faculdade de Ciências Tecnológicas (FCT), campus de Presidente Prudente, com a colaboração da Associação das Cerâmicas e Olarias da região, com o objetivo de aperfeiçoar a produtividade e desenvolver novos produtos.

“É um projeto que agrega valor a alguns produtos à base de cerâmica, promove o desenvolvimento tecnológico e busca preservar o ambiente”, resume Teixeira. “A descoberta de novos compostos dará maior sobrevida às atuais reservas de argilas, já escassas, e reduzirá o desmatamento promovido para obtenção de carvão vegetal.”

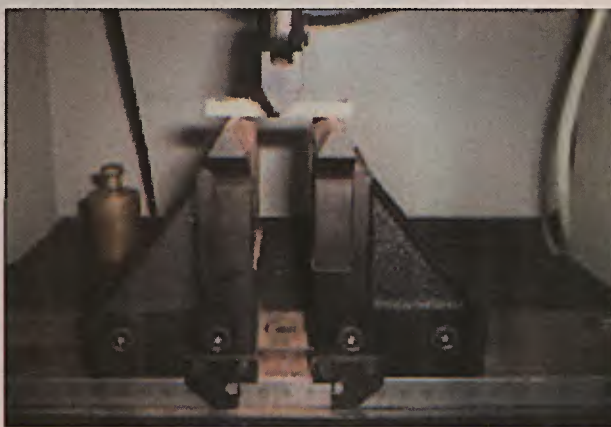
A partir de resíduos da queima do bagaço de cana, gerados na produção de álcool, Teixeira pretende criar matéria-prima mais resistente para a fabricação de pisos cerâmicos. “Da cinza mais fina, separamos o carvão do quartzo fino, que, com outros elementos químicos misturados à argila, confere maior resistência à cerâmica”, explica. “Como apresenta alta concentração de sílica cristalina e algumas substâncias que ajudam a fundir elementos químicos, esse material poderá ser misturado com argila para obtenção de cerâmica de qualidade.”



Teixeira coordenou atividades como a produção de tijolos (acima) e testes de resistência de materiais (abaixo)



Fotos Divulgação



O pó de carvão do bagaço de cana também está sendo testado para produzir pelotas de carvão vegetal, hoje obtido pela queima de florestas. “Se todo o carvão fino gerado nesse processo fosse separado, daria para produzir cerca de 10% do carvão vegetal consumido no País”, estima Teixeira. Ele ressalta a importância de as usinas utilizarem filtros nas chaminés, o que já é obrigatório, para impedir que essas partículas poluam a atmosfera.

Lodo e garrafas pet

Já o lodo produzido em estações de tratamento de esgoto e água poderá ser utilizado na fabricação de tijolos porosos

com propriedades isolantes térmicas e acústicas. Esses rejeitos ficam acumulados próximo a zonas urbanas, exalando mau cheiro. “Os testes mostraram que o lodo é semelhante às argilas usadas nas cerâmicas”, afirma Teixeira. A maior dificuldade é que sua composição varia de acordo com a época em que é produzido, o que dificulta a padronização do produto final. “Porém, todos os modelos experimentais com lodo apresentaram resistência mecânica adequada à produção de tijolos maciços”, explica o docente.

Entre os resíduos industriais estudados, o pó de vidro presente no vasilhame de garrafas pet descartáveis apresentou

os melhores resultados na incorporação à cerâmica, em termos de resistência mecânica e diminuição de absorção de água. “Constatamos que ele tende a melhorar a qualidade da argila disponível na nossa região”, diz o físico. Em relação à utilização do óleo queimado, Teixeira diz que, apesar de algumas dificuldades, ele também pode melhorar a qualidade da cerâmica fabricada regionalmente.

Agora, o docente espera tornar as novas tecnologias viáveis financeiramente e adequá-las aos processos de produção em larga escala. Para isso, dez alunos de iniciação científica dos cursos de Física e Engenharia Ambiental e dois alunos de mestrado vão prosseguir as pesquisas.

De acordo com o presidente da Associação das Cerâmicas e Olarias da região de Presidente Prudente, José Fredi, os estudos da UNESP poderão dar sobrevida aos poucos depósitos de argila-várzea ainda existentes. Desde 1999, quando parte dos depósitos da argila-várzea, a mais indicada para a produção de tijolos e telhas, foi coberta pelo lago da Hidroelétrica Porto Primavera, várias cerâmicas e olarias fecharam.

As pesquisas também podem melhorar a eficácia da argila mais dura. “Nesse caso, o grande desafio será diminuir o custo de produção, caso contrário, em cinco anos, todas as cerâmicas vão fechar as suas portas”, alerta o empresário. Em todo Pontal do Paranapanema há cerca de 90 empresas do ramo.

Julio Zanella

HOMENAGEM

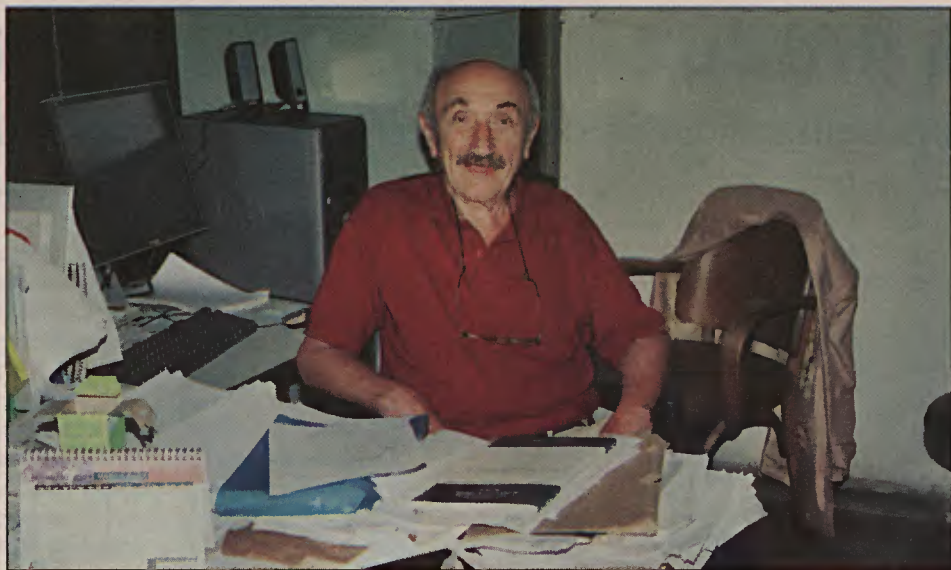
Físico recebe comenda do governo federal

Abraham Zimerman, professor do IFT, agora integra Ordem Nacional do Mérito Científico

No dia 16 de fevereiro, o físico Abraham Hirsz Zimerman, 78 anos, professor aposentado do Instituto de Física Teórica (IFT), campus de São Paulo, recebeu o título de comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico. Além de Zimerman, o presidente Luís Inácio Lula da Silva integrou à ordem os pesquisadores Vanderlei Bagnato, da Universidade Federal de São Carlos, e Nicim Zagury, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A cerimônia para a entrega dos títulos, em Brasília, não tem data definida.

Desde 1954, Zimerman trabalha no IFT, que foi fundado em 1952. Embora tenha se aposentado em 1995, vai quase todos os dias ao Instituto, para participar de seu grupo de pesquisa em Física-Matemática e orientar dois alunos de mestrado e um de doutorado. “Hoje, trabalho como professor voluntário e me sinto muito satisfeito”, diz.

O reconhecimento federal acontece quase dez anos depois da celebração de seus 70 anos, em 1998. Na ocasião, colegas, colaboradores internacionais e ex-alunos organizaram, no IFT, uma conferência científica em sua homenagem, com



Zimerman diz que sua maior contribuição científica foi ajudar a criar a pós-graduação no Instituto

trabalhos sobre os tópicos da Física Teórica com que Zimerman se envolveu.

Ele acredita, entretanto, que sua maior contribuição não está entre os 144 artigos que publicou. “A coisa mais importante que fiz foi insistir que o instituto tivesse um curso de pós-graduação”, assinala.

O início da pós

O processo de criação do curso começou em 1968, quando Zimerman substituiu o diretor-científico do IFT, Paulo Leal Ferreira. “A maioria dos membros do IFT estava viajando. Estávamos em três docentes: Silvestre Ragusa, Jorge Leal

Ferreira e eu”, lembra. “Decidimos, então, fazer a pós-graduação. Um ou dois anos depois, ela começou.”

Ele afirma que, no começo, havia “três ou quatro alunos”. “Mas o número de estudantes foi aumentando, porque o regime militar aposentou muitos professores lá na USP e os alunos eram encaminhados para nós”, explica Zimerman. Em 1987, a UNESP incorporou o IFT, evento que o físico considera muito importante. “Hoje, o curso é um dos melhores do Brasil”, diz.

A ênfase de Zimerman no ato de ensinar tem suas origens no tempo em que entrou no curso de Física da USP. “Minha idéia era ser professor de colégio”, recorda. Durante a graduação, ele dava aulas particulares e no cursinho da universidade. Depois de formado, em 1952, chegou a ser contratado por um colégio, mas optou por permanecer no ensino superior.

Atualmente, o físico espera que o IFT crie o seu curso de graduação, que, para ele, “é a maneira de o pessoal do instituto estar em contato com gente jovem, além de ser um trabalho social”.

Igor Zolnerkevic



Sons e conceitos da

VANGUARDIA

Lançamento de livro e CD destaca a produção e as idéias de dois renomados compositores eruditos

Importantes compositores eruditos do País, dois docentes do Instituto de Artes, *campus* de São Paulo, estão lançando obras que põem em destaque a produção musical de vanguarda. Flo Menezes publica o livro *Música maximalista – ensaios sobre a música radical e especulativa*, em que apresenta suas reflexões sobre os caminhos da criação sonora contemporânea, em especial a eletroacústica. Edson Sekeff Zampronha gravou o CD *Sensibile*, reunindo cerca de 20 anos de produção pessoal. (Leia resenhas abaixo.)

Para Menezes, toda a composição erudita que utiliza recursos eletrônicos é chamada de eletroacústica. “Essa música é muito distante do que o público conhece como música eletrônica, tocada pelos DJs”, esclarece. “Ela é uma música erudita elaborada em estúdio.”

Zampronha também explora as possibilidades abertas pelos novos recursos tecnológicos, da mesma forma que faz composições para piano e orquestra de cordas. “Por meio da gravação de determinados sons eletrônicos, por exemplo, podem-se resgatar expressões e sensibilidades que, às vezes, não são obtidas com instrumentos tradicionais. Isso possibilita a expansão do universo expressivo, com a obtenção de novos timbres”, comenta.



Regina Agrella

Menezes (esq.) produz obras e ensaios sobre música eletroacústica, enquanto as criações de Zampronha (abaixo) utilizam piano e sons eletrônicos



Daniel Patire

Razão e sensibilidade

Com essas técnicas, de acordo com o músico, podem-se construir cenários sonoros diversos, que impliquem leituras ou releituras da composição executada. “Procuro produzir, como autor, obras que evidenciem a questão da sensibilidade, como uma dimensão da música que se tornou importante e vem sendo cada vez mais solicitada, por compositores, intérpretes e ouvintes”, explica Zampronha.

Na visão de Menezes, dentro dos princípios da música erudita contemporânea, um trabalho de arte considerado perfeito envolve tanto emoção e sensibilidade quanto incentivo ao questionamento racional. “Essa obra deve ser atrativa sem apresentar explicações, e é nesse aspecto que o ouvinte se impressiona com o que ouve”, argumenta. “Contudo, ela também deve estimulá-lo a procurar explicações, tornando-se um objeto de reflexão e amadurecimento.”

O “Studio PANaroma” de Música Eletroacústica da UNESP, fundado e coordenado por Menezes no IA, é voltado para a pesquisa dentro desse gênero musical. O músico fundou também o Puts, uma orquestra formada por 16 autofalantes, que tem o apoio financeiro da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). “Em São Paulo, não temos salas de concerto adaptadas à música eletroacústica”, ressalta. “Por essa razão, fundei o Puts, que me permite criar cenários e explorar a espacialização do som.”

Daniel Patire

Ensaaios sobre uma radicalidade musical

Preparado por Gilberto Mendes, precursor no Brasil da música aleatória e do teatro instrumental, o novo livro de Flo Menezes, *Música maximalista: ensaios sobre a música radical e especulativa*, reflete sobre a possibilidade e a prática de uma música “complexa, altamente informativa e, sobretudo, especulativa”.

A produção maximalista comporta a complexidade de criações que impedem a apreensão de seus múltiplos aspectos numa primeira audição. Ela reúne elementos poéticos, filosóficos, técnicos e estéticos desafiadores. Nesse sentido, os ensaios reunidos no livro discutem obras de referência da vanguarda histórica, entre elas as composições de Arnold Schoenberg e Anton Webern, assim como aspectos da linguagem da composição.

São focalizadas ainda algumas referências musicais nas obras de John Cage, Pierre Boulez, Henri Pousseur e Luciano Berio, por meio de textos que evi-

denciam não apenas a trajetória, mas também aspectos objetivos das produções desses nomes de ponta da composição mundial. Outros ensaios abordam a música eletroacústica, destacando sua trajetória no mundo e no Brasil. Há também registros de entrevistas em que o autor expõe seus pontos de vista sobre o universo sonoro.

Compositor e diretor do Studio PANaroma de Música Eletroacústica da UNESP, no Instituto de Artes do *campus* de São

Paulo, e professor visitante da Universidade de Colônia, Alemanha, Flo Menezes, livre-docente em Composição Eletroacústica e autor de sete livros e mais de 50 obras musicais, executadas nos principais teatros do mundo, consegue, neste livro, seu principal objetivo: levar o leitor, assim como o ouvinte de suas criações musicais, a uma constante indagação proativa e especulativa, marcada pela ausência de passividade e pelo poder de gerar questionamentos e debates continuamente.

Oscar D’Ambrosio



Reprodução

Música maximalista: ensaios sobre a música radical e especulativa – Flo Menezes; Editora UNESP; 548 páginas; R\$ 70,00. Informações: www.editoraunesp.com.br ou (11) 3872-2861.

Composições exploram sensibilidade do ouvinte

O CD *Sensibile* apresenta as obras compostas entre 1984 e 2005 por Edson Zampronha, docente do Instituto de Artes (IA), *campus* de São Paulo. Músico conhecido no Brasil e no Exterior, Zampronha divide as interpretações dos trabalhos do disco com os pianistas Attilio Mastrogiovanni e Achille Picchi, também professores do IA.

Além de peças para piano, o CD traz uma composição “híbrida”, em que o tradicional instrumento se relaciona com novas tecnologias sonoras: o *Concerto para piano e sons eletroacústicos*, escrito nos anos de 2003 e 2004. Nessa música, a distorção dos sons eletrônicos revela um movimento de aproximação e distanciamento em relação à afinação do teclado.

Gravadas em um concerto realizado em São Paulo, em junho de 2005, as criações de *Sensibile* foram elaboradas numa perspectiva que Zampronha chama de “renascimento da sensibilidade na recente música de concerto”. “A proposta do CD é resgatar a sensibilidade na construção musical dentro do que chamamos música contemporânea, por meio de uma ressignificação: o ouvinte é levado a entender de maneira diferente aquilo que havia escutado antes”, diz.

Um exemplo é *Fragments reduzidos de uma história muito longa*, uma peça composta de fragmentos que desenvolvem características típicas de obras tradicionais. No entanto, eles aparecem



Reprodução

CD *Sensibile* – Edson Zampronha (piano: Attilio Mastrogiovanni; participação especial: Achille Picchi); Selo Clássicos; R\$ 29,00; Informações: www.lojaclassicos.com.br.

propositalmente fora de suas posições usuais, passando a adquirir novos significados musicais.

Outras composições fazem referência a escolas e artistas que influenciaram a carreira de Zampronha. A peça *Improvisação sobre o Opus 33 de Schoenberg* faz uma releitura da obra do compositor austríaco.

O docente é o primeiro compositor contemporâneo brasileiro a ter sua produção gravada pelo Selo Clássicos, segundo Nelson Rubens Kunze, diretor da gravadora e diretor-executivo da revista *Concerto*. (DP)

A leishmaniose avança em São Paulo

Focos da moléstia crescem principalmente em centros urbanos do Estado, por causa de problemas como a dificuldade de acesso a diagnósticos seguros, falta de políticas adequadas na área de saúde, pobreza e desinformação na sociedade, além do desmatamento

Doença típica de países tropicais, a leishmaniose apresenta uma situação preocupante no Brasil, nas suas duas formas de manifestação. Antes restrita às Regiões Norte e Nordeste, a leishmaniose visceral, o tipo letal da moléstia, está crescendo no Estado de São Paulo. Essa variedade da moléstia foi identificada pela primeira vez em território paulista, em 1998, por Maria Cecília Luvizoto, docente da UNESP de Araçatuba, onde funciona um dos principais centros de diagnóstico da leishmaniose do Estado.

Desde então, em território paulista, já foram notificados 759 casos e 70 óbitos. Nos últimos seis anos, a enfermidade aumentou mais de 15 vezes, passando de 15 para 239 casos em 2006, segundo a Secretaria Estadual de Saúde. No mesmo período, 25 mil pessoas foram contaminadas no Brasil e mais de 1.500 morreram.

Já a leishmaniose cutânea, a modalidade mais amena desse mal, deixou de ser uma um problema de saúde da área rural para chegar às zonas urbanas. Desde 1980, sua incidência aumentou sete vezes em nível nacional, conforme dados do Ministério da Saúde, atingindo 24 mil pessoas em 2005. Em São Paulo, desde 1998, foram mais de seis mil casos, com uma média de 500 registros anuais no período mais recente, com números crescentes em regiões metropolitanas, como Grande São Paulo e Campinas. Entretanto, os especialistas alertam que, devido ao sistema de diagnóstico deficiente, o volume de ocorrências pode ser bem maior.

Nos seres humanos, a leishmaniose visceral provoca problemas que vão de febre e emagrecimento a complicações cardíacas e circulatórias. (Leia quadro abaixo.) Quanto mais precoce o diagnóstico, maior a possibilidade de recuperação e cura, já que, se não for tratada, pode levar à morte até 90% dos doentes. A reprodução dos protozoários causadores da enfermidade ocorre nas células de defesa do organismo e, por isso, as vítimas mais comuns são os pacientes com baixa imunidade, como as pessoas das classes mais pobres, crianças, idosos e portadores de HIV. Embora não mate, a leishmaniose cutânea causa lesões irreversíveis na pele e nas mucosas de nariz, boca e garganta.

Avanço em São Paulo

"A leishmaniose visceral tem se espalhado por outras regiões do Estado, como Adamantina, Dracena e Bauru, pela falta de informação e desprezo das autoridades em relação ao perigo da doença", alerta Maria Cecília, docente do curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Odontologia de Araçatuba (FOA). "É uma enfermidade de combate complicado, pois os diagnósticos ainda são imprecisos, os medicamentos são caros e não são totalmente eficazes, além de sabermos pouco sobre a biologia dos insetos que transmitem a *Leishmania*."

O protozoário *Leishmania* é um microrganismo unicelular transmitido pelos insetos da família dos flebotomíneos, que tem entre seus integrantes o mosquito-palha – também conhecido como birigüi ou cangalhinha –, vetores que contaminam o homem depois de picar cães ou animais silvestres. A *Leishmania brasiliensis*, espécie que causa o tipo cutâneo da doença, tem como principais hospedeiros os lobos-guarás, gambás e outros animais da mata. "Com o desmatamento provocado pela expansão agrícola, o vetor da doença começou a migrar para as zonas urba-

nas", enfatiza Caris Nunes, professora da FOA.

Nas cidades, os bichos silvestres, além de levar consigo o protozoário da versão cutânea da moléstia, tornam-se também hospedeiros da sua modalidade urbana, a leishmaniose visceral, provocada pela *Leishmania chagasi*. Também docente da FOA, Valéria Lima constatou a presença da *L. chagasi* em 90% de 112 gambás encontrados na região urbana e periférica de Bauru. "Esses animais têm sido frequentemente avistados em residências, indústrias e, até mesmo, em hospitais", alerta a pesquisadora.

Leishmaniose visceral

Valéria também identificou a contaminação pela *L. chagasi* de 11 dos 14 animais silvestres – como cachorro-vinagre, cachorro-dormado, raposinha e lobo-guará – mantidos no Centro de Conservação Silvestre da CESP (Companhia Energética de São Paulo) de Ilha Solteira. "Até hoje, encontramos o protozoário em todos os lugares onde o procuramos", ressalta.

A infestação se espalha também entre animais domésticos. Em Araçatuba, pela primeira vez no Estado, o agente da leishmaniose visceral foi identificado em dois gatos domésticos. "O achado reforça a hipótese de que esses animais também estão servindo como hospedeiros", diz Katia Bresciani, professora da FOA e coordenadora da pesquisa. Pela dificuldade no diagnóstico nesses felinos, ela acredita que eles tenham maior resistência à doença. "Vamos aprofundar os estudos sobre a resposta imunológica diferenciada dos gatos frente a esse tipo de leishmaniose", acrescenta.

Mas os hospedeiros mais comuns da *L. chagasi* continuam sendo os cães. Em Araçatuba, localizada em região endêmica, três em cada 10 desses animais estão contaminados. Por determinação da Organização Mundial da Saúde, aqueles com diagnóstico positivo são sacrificados. Apenas em 2004, 31 mil animais foram mortos na cidade. "No entanto, ao perderem seu cão, as pessoas adquirem outro rapidamente e, com isso, o risco continua", diz Caris, que abordou o tema em sua tese de livre-docên-



CICLO DE TRANSMISSÃO

Os flebotomíneos, que são os insetos transmissores da doença, ingerem os protozoários leishmanias quando se alimentam do sangue de um mamífero infectado. No tubo digestivo do inseto, eles se multiplicam e depois migram para a faringe, misturando-se com a saliva transmitida a outro animal pela picada. Tanto na leishmaniose cutânea quanto na visceral, os protozoários atacam as células de defesa do organismo. No entanto, no primeiro caso, eles se distribuem pela pele da vítima, enquanto no segundo o microrganismo se espalha pelo baço, o fígado e a medula óssea.

cia. "Sem ações conjuntas de controle dos hospedeiros da *Leishmania* e dos seus vetores, além de melhores métodos de diagnóstico, o número de casos da doença continuará aumentando na cidade."

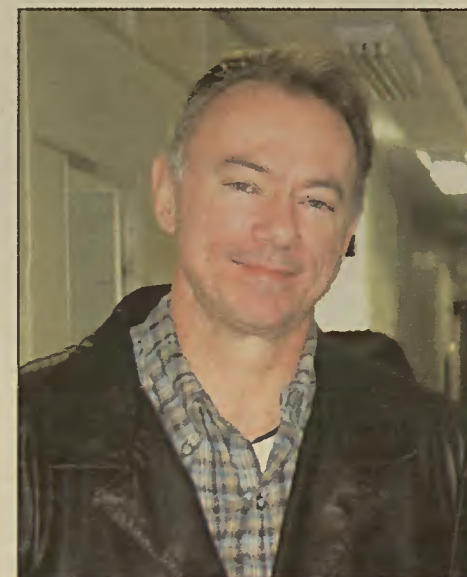
Importância do diagnóstico

A detecção eficaz da enfermidade em cães é o que mais preocupa os pesquisadores. Além de determinar o sacrifício do animal infectado, o diagnóstico ajuda a traçar a rota da expansão da doença. As

poucas cidades que dispõem desse serviço utilizam métodos indiretos ou imunológicos, como os testes Elisa e Rifi (Reação Imunofluorescência Indireta). Como registram apenas os anticorpos produzidos contra a *Leishmania*, eles podem confundir os resultados, por causa da presença de anticorpos associados a outras enfermidades ou, então, pela "janela imunológica", ou seja, o tempo decorrido entre a contaminação e o aparecimento das células de defesa contra o protozoário.



Katia: gatos também são hospedeiros



Stolf: tratamentos não têm continuidade



Valéria: focos da moléstia se multiplicam

Foto: Divulgação

Num artigo publicado pela revista *Veterinary Parasitology*, em 2006, Maria Cecília comparou cerca de 10 diferentes métodos e classificou como o mais eficaz o PCR, que detecta o DNA do protozoário. Entre os que revelam diretamente a presença da *Leishmania*, ela também destacou o processo parasitológico, que faz a identificação pelo microscópio, a partir de amostras coletadas no sangue da medula óssea do animal hospedeiro ou da biópsia da lesão no tecido.

Orientador de dois estudos sobre a identificação do protozoário da leishmaniose visceral, Hélio Langoni professor da Faculdade de Medicina Veterinária (FMVZ), em Botucatu, também considera o diagnóstico um dos aspectos mais complexos no combate à moléstia. "Há casos em que o animal apresenta os sintomas, mas é negativo nos exames, enquanto em outros ele é positivo e não apresenta os sinais da doença", afirma o pesquisador. Ele montou um serviço de detecção da enfermidade em cães em cidades próximas, como Bauru, Lençóis Paulista e Porto Feliz.

Em Ilha Solteira, a docente da Faculdade de Engenharia (FE) Wilma Aparecida Buzetti estuda os métodos diagnósticos com o objetivo de criar um serviço na cidade para atender suspeitas registradas em municípios vizinhos. "Muitos casos da doença não são nem mesmo notificados por falta de laboratórios que façam o diagnóstico", assinala. "Hoje, eles são encaminhados para Araçatuba e São Paulo."

A mais recente novidade no controle e prevenção da doença é uma vacina para cães, desenvolvida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2004. Ela foi testada em 2006 na UNESP de Araçatuba pela professora Valéria, com resultados promissores. Elaborado a partir de uma proteína da leishmaniose visceral que induz a produção de anticorpos contra o protozoário, o medicamento se mostrou eficaz, durante um ano, em 20 cães de regiões endêmicas da cidade.

"Constatamos que a vacina protegeu as células contra a *Leishmania* em 85% dos animais e nenhum apresentou sintomas clínicos, e nem o protozoário causador da doença foi identificado nos exames laboratoriais", afirma Valéria. O produto obtido, recentemente, o registro do Ministério da Saúde para ser comercializado. "É uma novidade que pode trazer maior proteção e sobrevida aos cães, mas, por ser cara, é ainda inacessível aos mais pobres, os mais atingidos pela doença", acrescenta Maria Cecília.

Leishmaniose cutânea

Para Hamilton Stolf, da Faculdade de Medicina, campus de Botucatu, como os hospedeiros da leishmaniose cutânea são principalmente os animais silvestres que vivem em áreas afastadas dos centros urbanos, a grande dificuldade é o atendimento precoce aos doentes. "Sem informação sobre a moléstia nas zonas rurais, os pacientes chegam ao Hospital de Clínicas num está-

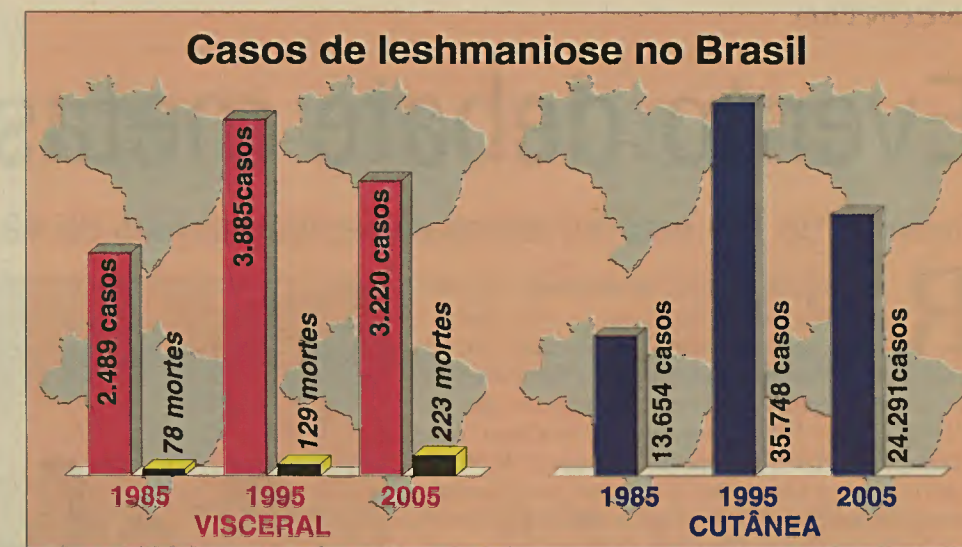
gio avançado da doença", conta o docente. Outro complicador é a continuidade do tratamento antiparasitário, que prevê injeções por via intramuscular duas vezes ao dia, durante 30 dias. "Se a terapia não for seguida corretamente, os pacientes não conseguem se alimentar, emagrecem e sofrem muito com as vias respiratórias obstruídas", completa.

Uma das formas de controle da enfermidade é a identificação de áreas endêmicas. Em Araçatuba, pesquisadores da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCFar) colaboram com um mapeamento da incidência no Estado de São Paulo das espécies de protozoários e insetos associados à enfermidade, promovido pela Fundação Osvaldo Cruz. Eles conseguiram isolar e caracterizar o protozoário *Leishmania brasiliensis* a partir da biópsia de um paciente infectado e morador de Rincão, cidade próxima de Araçatuba.

No local da contaminação, foram coletados 200 insetos da espécie *Lutzomyia neivai*, conhecidos como birigüi ou mos-

Leishmaniose	Parasita	Transmissão	Sintomas	Tratamento	Hospedeiros	Características	Prevenção
VISCERAL	<i>Leishmania chagasi</i>	Picada dos insetos flebotomíneos, como o mosquito-palha, infectados com o parasita	Febre, aumento do fígado e baço, emagrecimento, complicações cardíacas, tosse, diarreia	Drogas à base de antimônio, repouso e boa alimentação	Principalmente cães, mas também animais silvestres e até gatos	É letal, infecciosa e não contagiosa	Eliminação de cães infectados, controle do inseto transmissor, conservação ambiental. Uso de coleira contra mosquitos em cães
CUTÂNEA	<i>Leishmania brasiliensis</i>	Picada de flebotomíneos infectados	Ulceras na pele e mucosas	Injeções antiparasitárias duas vezes ao dia, durante 30 dias	Animais silvestres roedores e marsupiais, cães e equinos	É uma doença infecciosa, mas não é contagiosa nem letal	Uso de repelentes e menor exposição à tardinha e à noite

quito-palha. "Esse é um estudo importante para a avaliação epidemiológica e monitoramento da entrada de novas espécies em uma região", aponta Mara Pinto, docente da FCF e uma das autoras do estudo. A ideia é estudar substâncias atrativas para o mosquito, a fim de produzir armadilhas. "Como há vários insetos relacionados a essa doença, buscamos também determinar o habitat, as áreas de matas ou zonas rurais desmatadas que utilizam para se desenvolver", completa Márcia Graminha que, com o docente João Aristeu da Rosa, colaborou com o estudo.



Estudos genéticos poderão gerar novos medicamentos

O caminho para a produção de novas drogas contra alguns agentes infecciosos como os da leishmaniose pode estar na descoberta de proteínas que compõem as pontas da estrutura dos cromossomos, conhecidas como telômeros. Estas estruturas protegem o código genético e estão associadas à duplicação celular.

"Estudos recentes em mamíferos mostraram que os telômeros têm uma importante função na instalação de tumores, no envelhecimento e na manutenção da proliferação celular", diz Maria Isabel Cano, docente do Instituto de Biociências de Botucatu (IBB). "Por isso, suas proteínas passaram a ser alvos potenciais para a produção de uma nova geração de drogas."

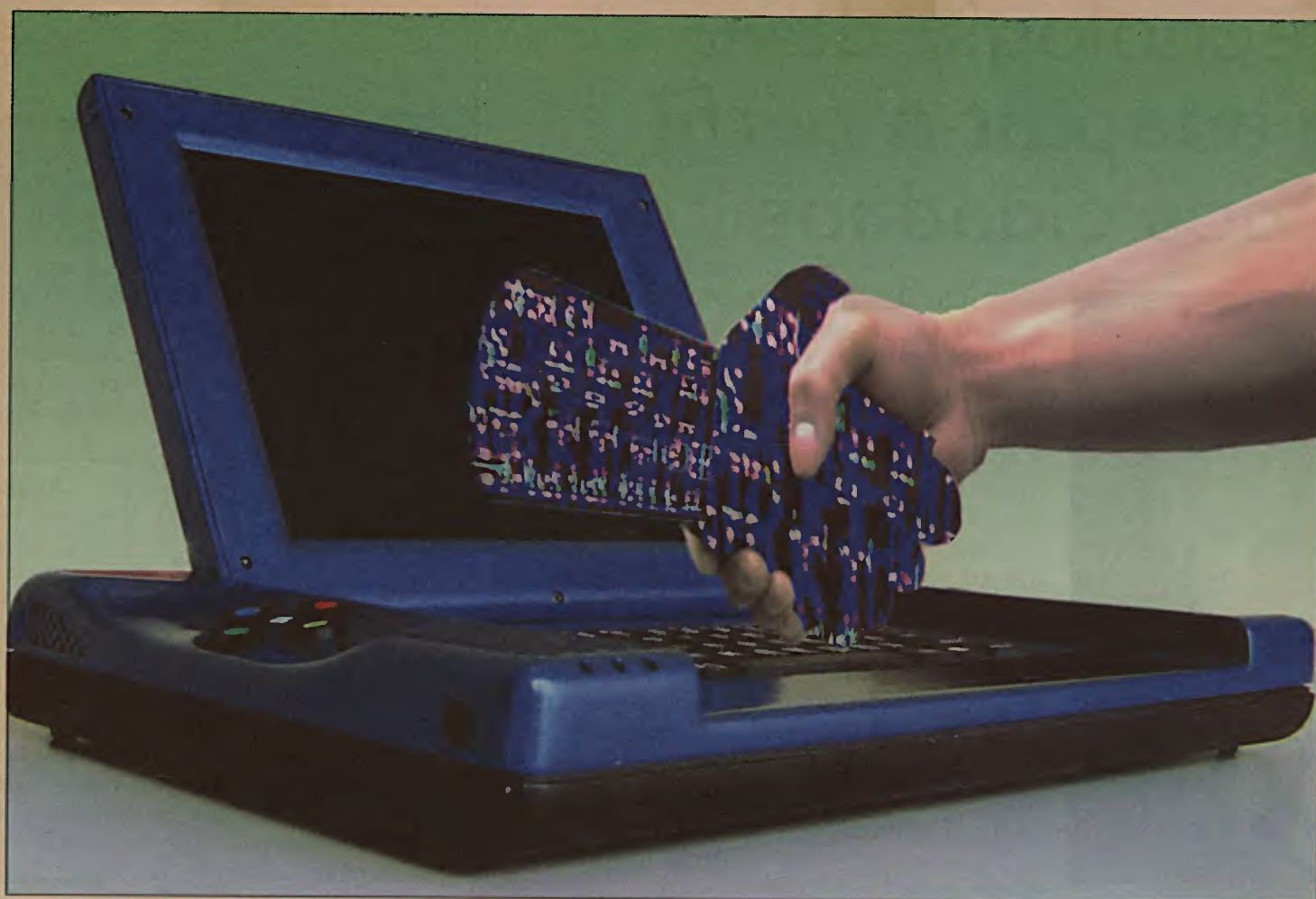
O foco do grupo coordenado por Maria Isabel, pioneiro no Brasil em pesquisas com os telômeros de protozoários patogênicos, é desenvolver terapias que atinjam especificamente esses agentes. "Hoje, as drogas contra a leishmaniose são caras, apresentam alto grau de toxicidade, não são totalmente eficazes e podem levar ao aparecimento de parasitas resistentes", explica a docente. "No momento, estamos selecionando as proteínas com maior potencial medicinal, desvendando suas estruturas e as funções específicas que desempenham nos telômeros do parasita *leishmania*."



Ribolla (de pé à esq.) e equipe: investigação dos genes

estudo realizado por Diego Peres Alonso em seu mestrado, em colaboração com a Universidade Federal do Piauí.

Ao penetrar no organismo humano, as *leishmanias* são envolvidas pelas células de defesa, os macrófagos. Resistentes aos ataques dos macrófagos, os parasitas se multiplicam dentro dessas células e se disseminam pelo organismo. Ribolla argumenta que, quando o gene MBL (sigla da proteína Mannan-Binding Lectin) está defeituoso, o protozoário tem dificuldade de entrar nas células de defesa para se reproduzir e acaba destruído na circulação. "O teste para saber se a proteína é defeituosa poderá, no futuro, direcionar melhor o tratamento dos pacientes infectados", conclui. (JZ)



Os desafios da inclusão digital

Apenas cerca de 20% da população do País tem computador em casa e acesso à Internet, o que revela como ainda são poucos os brasileiros beneficiados por esses recursos. Hoje, o acesso a tais inovações é fundamental para que comunidades e indivíduos possam garantir melhores condições de vida e trabalho. Esta edição debate temas como as iniciativas governamentais para a difusão do uso de computado-

res na rede escolar e entre as classes mais pobres. Também são discutidas propostas para as empresas produzirem tecnologias inclusivas, que gerem produtos a preços cada vez mais acessíveis. A necessidade de fundamentar a utilização do arsenal informático com uma educação de qualidade, além de alternativas de combate ao desemprego entre jovens são outras questões enfatizadas pelos especialistas.

Tecnologia deve se adaptar a perfil dos cidadãos

Entrevista com Eduardo Morgado

Página 2

Recursos para eliminar o "fosso digital" do País

Nicolau Reinhard

Página 2

O jovem e a ameaça do desemprego estrutural

Thiago Yoshiaki Lopes Sugahara

Página 2

Participação exige sólidas bases educacionais

Klaus Schlünzen Junior

Página 4

Eduardo Morgado

Tecnologia deve se adaptar a perfil dos cidadãos



Docente do Departamento de Computação da Faculdade de Ciências do *campus* da UNESP de Bauru, onde coordena o Laboratório de Tecnologias Aplicadas (LTIA), Eduardo Morgado possui graduação em Engenharia de Minas pela Universidade de São Paulo, mestrado e doutorado em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP). Tem experiência em Ciência da Computação, com ênfase em Sistemas de Computação, e atua principalmente na área de Tecnologia da Informação. Para ele, a inclusão digital apenas merece esse nome quando permite ao cidadão preencher suas necessidades de comunicação, informação e interação com seus pares, sua comunidade e o governo.

Oscar D'Ambrosio

Caderno Fórum: *Em que consiste uma autêntica inclusão digital numa realidade como a brasileira?*

Eduardo Morgado: Pelo excesso de uso, a expressão "inclusão digital" começa a parecer desgastada e mal definida. Isso acontece porque as tecnologias avançam rapidamente e o que seria a "alfabetização tecnológica" há cinco anos, quando começaram os projetos dos chamados "telecentros", hoje é totalmente insuficiente – um simples PC e uma conexão à Internet de baixa velocidade não são mais suficientes. Sem contar que não existe uma "autêntica inclusão digital", porque ela é multidimensional e multinível. Mesmo assim, podemos dizer que uma verdadeira inclusão digital seria aquela que permitisse ao cidadão atender às suas necessidades de comunicação, informação e interação com seus pares, sua comunidade e com o governo. Cada cidadão tem um perfil de necessidades específico e, portanto, para cada um deles teríamos uma inclusão. Um universitário prestes a se graduar, por exemplo, tem um conjunto de necessidades, enquanto um cidadão aposentado tem outro.

CF: *O que os governos, seja na esfera federal, estadual ou municipal, podem e devem fazer para tornar essa inclusão uma realidade?*

Morgado: Em primeiro lugar, devem parar de criar projetos de inclusão e dar mais atenção, recursos e suporte aos que já existem e àqueles que, mesmo não tendo sido criados para isso, fazem mais pela inclusão que um telecentro. É o que ocorre, por exemplo, nos laboratórios computacionais das instituições públicas. A abertura do uso dos laboratórios das escolas e universidades para uma comunidade ampliada (pais, irmãos e colegas dos alunos) já elevaria muito as oportunidades de uso com um investimento muito menor que o da criação de um telecentro. Uma *lan house* em bairros populares faz mais pela inclusão que muitos telecentros, embora tenha sido criada para jogos e entretenimento, porque, no período da manhã e início da tarde, é usada para comunicação. Os governos devem se voltar para seus sistemas e presença na

Web, remodelando-os e tornando-os mais e mais transparentes e fáceis de usar. Eles devem considerar que somente com a posse de equipamentos e dispositivos, que são sempre pessoais (PCs, PDAs e celulares), a inclusão se completará. A carga tributária sobre esses equipamentos ainda é muito alta, cerca de 37% entre impostos federais e estaduais. O programa federal PC para Todos reduziu apenas PIS e Fincofins (9%) e, mesmo assim, conseguiu disparar a venda de PCs e *notebooks* de baixo custo.

CF: *E as universidades e institutos de pesquisa? Podem colaborar de que maneira?*

Morgado: Sempre podem, porque desenvolvem tecnologias. Eles possibilitam novas interfaces homem-máquina, novos equipamentos/dispositivos e melhor avaliação de sistemas. Na maioria das vezes, as questões citadas, quando relacionadas com a inclusão

Universidades e escolas públicas poderiam abrir o uso de seus laboratórios para a comunidade

digital, não são de alta tecnologia e não chamam a atenção dos pesquisadores. Simplificar dispositivos, fazer novamente sistemas que já existem ou avaliar sistemas de terceiros não rendem publicações ou artigos e isso não é bom para os professores e/ou pesquisadores.

CF: *Qual o papel da iniciativa privada nesse processo?*

Morgado: As empresas de tecnologia poderiam fazer o mesmo que as universidades e centros de pesquisa: desenvolver ou apoiar o desenvolvimento de tecnologias inclusivas. Quanto a outros tipos de empresas, poderiam agir como provedoras de oportunidades de acesso à sua comunidade ampliada, como as escolas públicas e universidades.

CF: *Como deveriam ocorrer as interfaces entre a iniciativa privada e a pública na questão da inclusão digital?*

Morgado: Não devemos pensar em interfaces diferenciadas. A inclusão deve ocorrer em situações idênticas ou no próprio mundo real. Não tem sentido criar um mundo diferenciado – computador ou programas limitados –, porque a transposição para um outro universo será mais complexa depois.

Recursos para eliminar "fosso digital" no País

NICOLAU REINHARD

O tema "inclusão digital" entrou de modo definitivo na agenda de governos e sociedade organizada a partir da conscientização de que vivemos na Sociedade da Informação. Nela, o recurso mais valioso é a informação, ou melhor, a capacidade de obter ganhos de produtividade a partir do uso da informação [Castells, 2006], [Drucker, 1993].

Para Drucker, a repartição da riqueza não será mais definida a partir do conflito capital-trabalho, mas pela divisão entre os que se beneficiam dos recursos da Sociedade da Informação e os excluídos (o "quarto mundo" de Castells), aos quais restará prestar serviços de baixo valor agregado para a outra classe. Essa divisão é mais insidiosa do que a anterior, porque as suas fronteiras são menos conspícuas e poderão passar no meio de uma comunidade, localidade etc.

O diagnóstico da situação tem sido elaborado em pesquisas como "Prontidão para um mundo conectado", criada na Universidade de Harvard e agora ampliada pelas Nações Unidas [Nações Unidas, 2005]. Esse trabalho identifica a falta de conectividade como um dos empecilhos à participação plena na Sociedade da Informação, medida através da disponibilidade e generalização do acesso a infra-estruturas de comunicação e computação. Para que esse uso seja efetivo, ainda de acordo com a pesquisa, é necessária a motivação e a capacitação das pessoas na utilização desses recursos, sua difusão nos serviços públicos, comércio etc., o que requer ainda um arcabouço institucional (legislação, políticas públicas etc.) que lhe dê a sustentação adequada.

A difusão desses recursos entre as classes mais favorecidas tem sido muito rápida. O reconhecimento do "fosso digital" crescente tem levado governos e entidades da sociedade civil a criar iniciativas vigorosas de "inclusão digital".

No Brasil, essas iniciativas têm tomado a forma de telecentros de acesso em geral público e gratuito e da informatização de escolas públicas. O CGI (Comitê Gestor da Internet no Brasil) vem realizando pesquisas abrangentes para identificar a evolução da Sociedade da Informação, da qual apresentamos a tabela seguinte:

Acesso à Internet por pessoas das classes D e E (respostas múltiplas permitidas)							
Local de acesso	de casa	do trabalho	da escola	da casa de outra pessoa	cibercafé pago	telecentro público gratuito	outros
Frequência de menção (%)	7,7	19,9	30,0	16,9	30,0	2,7	9,0

Fonte: CGI [CGI, 2006]

Os programas de telecentros públicos da União, Estados e municípios, tais como o Acesso São Paulo e o Telecentros de São Paulo, bem como as iniciativas louváveis da sociedade civil, como o CDI (Comitê para a Democratização da Informação), têm conseguido alta visibilidade na imprensa e nas agendas políticas.

Apesar disso, a sua contribuição para a inclusão digital ainda é muito reduzida, se comparada com os outros meios de acesso das classes de renda mais baixa. Há diversas interpretações para esse fato: uma delas é a baixa penetração de telecentros – o seu número e localização são claramente insuficientes para atender à demanda potencial. O seu alto custo de instalação e operação e os problemas decorrentes de sustentabilidade econômica inviabilizam a escalação do modelo, o que os

impede de serem vistos como "a" solução para o problema. Em comparação, as salas de informática nas escolas têm sido mais bem-sucedidas na inclusão digital, já que estão inseridas de modo mais efetivo no processo educacional.

Mais recentemente, o



mercado tem criado alternativas bastante eficazes: o barateamento dos computadores e da comunicação de banda larga

tem viabilizado a aquisição desses recursos por camadas crescentes da população, como fica evidenciado na frequência de uso de computadores em casa ou na residência de amigos. Os custos mais reduzidos também levaram ao surgimento de um grande número de telecentros privados (cibercafés), que oferecem serviços a custos muito baixos (ao redor de R\$ 1 a R\$ 2 por hora de uso).

Nesse sentido, talvez a política pública de redução dos impostos sobre recursos computacionais (o "computador popular") tenha sido mais eficaz (e de custo social mais baixo) para aumentar a inclusão digital do que os programas de telecentros.

Isto não significa, porém, a obsolescência dos telecentros, os quais, além do acesso gratuito, oferecem outros serviços relevantes, como alfabetização digital, outros programas sociais e de capacitação, além de apoio e acesso aos serviços cada vez mais abundantes de governo eletrônico.

Desse modo, no futuro, os telecentros públicos gra-

tuídos terão mais utilidade como prestadores de serviços relevantes para o cidadão do que como simples pontos de acesso físico aos recursos computacionais.

Bibliografia

Castells, M. *A Sociedade em Rede*. 9ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2006.
Comitê Gestor da Internet – CGI, *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil – 2005*, São Paulo, 2006.
Drucker, P. *Post Capitalist Society*. Harper Business, 1993.
Nações Unidas. *Global e-government readiness report – 2005*. New York: Department of Economic and Social Affairs – Division for Public Administration and Development Management, 2005.

Nicolau Reinhard possui graduação em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo e doutorado e livre-docência em Administração pela Universidade de São Paulo. É professor associado da Universidade de São Paulo e coordenador de projetos da Fundação Instituto de Administração. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Informática, atuando principalmente em Gestão de Tecnologia da Informação, Tecnologia de Informação e Aplicação de Informática na Administração Pública.

Política pública de redução de impostos pode ter sido mais eficaz para inclusão do que telecentros

O jovem e a ameaça do desemprego estrutural

THIAGO YOSHIKI LOPES SUGAHARA

Um quarto da população do Brasil tem idade entre 16 e 24 anos. São milhões de jovens prontos para ingressar no mercado de trabalho. Infelizmente, para uma parcela crescente desse universo, a entrada no mundo do trabalho vai ter de esperar. Em 2005, o País tinha 4,4 milhões de desempregados nessa faixa etária, o que correspondia a 43% do total de desempregados, segundo o IBGE.

Por meio dos Consórcios Sociais da Juventude, organizados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o governo federal tem oferecido capacitação profissional para milhares de adolescentes em situação de vulnerabilidade pessoal e risco social. São cursos profissionalizantes que procuram complementar a formação do estudante: artesanato, serigrafia, auxiliar administrativo, mecânica e informática, entre outros.

Ao mesmo tempo que milhões de estudantes ficam à margem da nova Sociedade em Rede, o mundo do trabalho passa por grande transformação. A incorporação de novas tecnologias da informação modificou radicalmente os meios de produção. No ensino público, a introdução do computador como ferramenta pedagógica ainda é recente e muitas vezes precária. Os governos federal e estaduais estão informatizando as escolas e provendo novas conexões de Internet, mas falta suporte técnico para manter essa nova estrutura.

Segundo dados do MEC, aproximadamente 30% das chamadas de manutenção dos equipamentos não se justificam e poderiam ser resolvidas por alguém com um mínimo de conhecimento técnico. Enquanto isso, muitos laboratórios de informática ficam desativados, por semanas ou meses, em função da falta de manutenção e orientação para problemas de fácil solução.

Diante dessa realidade, o Departamento de Educação da Intel desenvolveu o programa

Intel Aluno Técnico, para capacitar alunos do ensino médio, nas áreas de montagem e manutenção de computadores. O projeto visa formar estudantes nas escolas e telecentros, para manter os laboratórios de informática funcionando e, ao mesmo tempo, oferecer uma opção de qualificação profissional em Tecnologia da Informação e Comunicação.

Por sugestão do governo federal, ainda em 2005, o programa Intel Aluno Técnico

complementou os trabalhos desenvolvidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego e o Tear da Juventude, em Teresina (PI). Foram capacitados 200 adolescentes na capital e outros 160 em Piriá, Parnaíba, Picos e Floriano. Após seis meses, cerca de 290 jovens tiveram acesso a oportunidades de trabalho remunerado oferecendo suporte para micro e pequenas empresas da região.

Quando um jovem procura uma colocação profissional, se depara com dois desafios: a falta de experiência e um mercado de trabalho com poucas oportunidades para candidatos com baixa qualificação. O modesto crescimento do PIB ajuda a entender por que o mercado absorve poucos trabalhadores, mas não explica o motivo de os jovens serem afetados de maneira tão expressiva.

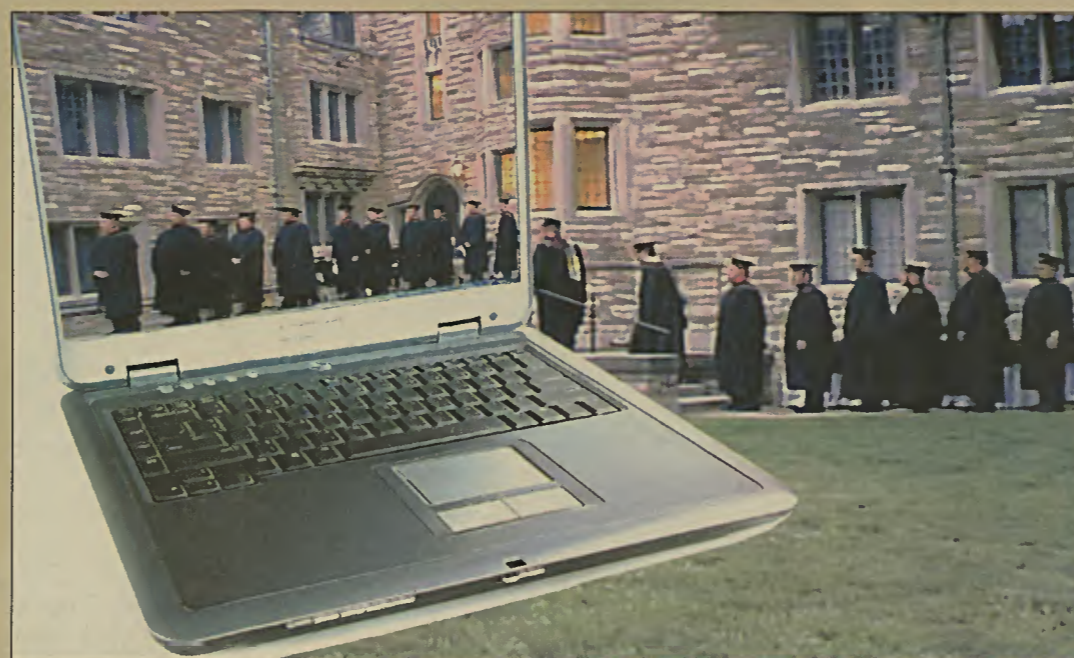
Ao longo dos últimos três anos, é possível observar que o desemprego nessa faixa da população não é necessariamente uma questão de acesso ao primeiro emprego, mas de acesso a empregos com atividades de alto valor agregado, que exigem maior qualificação profissional. Os adolescentes podem conseguir um estágio ou até mesmo o primeiro emprego, mas na maioria das

vezes são funções mal remuneradas e desinteressantes. Por outro lado, o domínio das novas tecnologias da informação tem permitido direcionar alunos técnicos para um mercado que carece de mão-de-obra qualificada e conta com remunerações atrativas.

Ao dominar tecnologia de informação, alunos têm acesso a mercado carente de mão-de-obra qualificada

A experiência do programa Intel Aluno Técnico nas grandes capitais revelou que o investimento em educação amplia significativamente o horizonte de oportunidades, principalmente na periferia das cidades. Na rede pública de ensino, algumas escolas do Interior incorporaram o trabalho dos alunos técnicos, o que permitiu a expansão do laboratório de informática com peças descartadas por empresas. As máquinas que antes aguardavam por manutenção agora recebem atenção especial dos próprios estudantes, que realizam trabalhos de manutenção preventiva e suporte técnico.

Thiago Yoshiaki Lopes Sugahara (thiago.sugahara@mstech.com.br) é mestrando em Relações Internacionais no Programa San Tiago Dantas e coordenador do programa Intel Aluno Técnico (www.alunotecnico.com.br)



Participação exige sólidas bases educacionais

KLAUS SCHLÜNZEN JUNIOR

O Brasil possui 15 milhões de usuários de *Internet* e está entre os onze países que mais acessam a rede mundial, de acordo com recente pesquisa divulgada pelo jornal *Folha de S. Paulo* (Caderno Dinheiro – 08/03/2007). A pesquisa, que exclui lugares públicos como cibercafés e *lan houses*, também revela um crescimento anual de 16% dos usuários brasileiros, índice muito superior à média mundial, de aproximadamente 10%. Esses dados nos colocam entre os 15 países com maior número de internautas.

O cenário é interessante e nos induz a algumas reflexões. Apesar de o Brasil ocupar uma posição de destaque, a pesquisa não leva em consideração suas dimensões continentais e grandeza populacional. Somos um país de 188 milhões de habitantes com alarmantes índices de analfabetismo e resultados paupérrimos nas avaliações educacionais. Em nações desenvolvidas, como EUA, Japão e Alemanha, o número de internautas apresenta uma proporção mais igualitária em relação ao total de habitantes. Assim, estamos ainda distantes das tecnologias e de todo o ferramental que elas podem disponibilizar em favor do acesso à informação e ao conhecimento, ou seja, para se alcançar uma verdadeira e justa inclusão digital em nosso país.

Por sua vez, identificamos na sociedade e nas iniciativas do governo movimentos que procuram promover essa inclusão digital, principalmente dos menos favorecidos. Destacam-se aqui os telecentros, algumas políticas municipais muito pontuais de cobertura digital para a população – como as das cidades de Pirai (RJ) e Tiradentes (MG) –, as iniciativas governamentais de inserção das tecnologias nas escolas, como o projeto ProInfo, e, recentemente, o *laptop* de US\$ 100, projeto batizado no País como “UCA – Um Computador por Aluno”.

Apesar dos esforços, todas essas ações ainda não repercutem significativamente no uso das tecnologias que reflitam melhorias nas estatísticas e resultados educacionais e sociais. Uma avaliação mais superficial indicaria as dificuldades socioeconômi-

cas da população brasileira e os obstáculos para o acesso às tecnologias. É evidente que as iniciativas que citamos deveriam estimular sobremaneira a inclusão digital. Entretanto, ainda mantemos, como a pesquisa mostra, um grande abismo digital.

Podemos construir um projeto de sociedade com mais consciência e responsabilidade no uso da tecnologia, levando em consideração o contingente populacional ainda “desconectado”. O investimento na educação brasileira poderá implicar a melhoria desse quadro de exclusão. Entretanto, tal investimento não deve ser baseado simplesmente na inserção das tecnologias em ambientes educacionais, mas sim em uma formação inicial sólida de professores e gestores para o uso dessas tecnologias, aparelhamento das escolas e utilização de campanhas educacionais que estimulem o seu uso para o bem da sociedade.

É preciso formar docente para utilização de tecnologia, aparelhar escola e orientar uso de inovação

É preciso fundamentalmente articular políticas públicas em prol de ações afirmativas de inclusão. Não é possível que iniciativas governamentais, como o projeto do *laptop* de US\$ 100, não estejam associadas a projetos como o ProInfo, TV-Escola, Rede Interativa de Educação (Rived), com seus *softwares* educacionais para a Web, TV digital e outros. Essa articulação sem dúvida dará sentido ao uso da tecnologia nas escolas e, com isso, certamente influenciará na construção de uma sociedade conectada com responsabilidade e consciente dos seus problemas, com uma visão mais planetária e globalizada.

Uma sociedade inclusiva passa necessariamente por um processo educacional consciente e articulado, com um planejamento de ações a longo prazo que garantam políticas educacionais contínuas. A garantia desse processo, que acompanha o jovem estudante desde o início de sua vida escolar, permeará sua atuação e poderá repercutir favoravelmente no futuro.

Não podemos tratar da inclusão como a mera oportunidade de acesso à tecnologia, pois, se assim for, cairemos em situações como as enfrentadas, por exemplo, pelo Instituto Indiano de Tecnologia (IIT), que teve que restringir o acesso de seus alunos à *Internet* após constatar que eles estavam sendo prejudicados em seus estudos com o uso exagerado desse recurso. Os estudantes se envolviam em atividades como navegar descontroladamente pela rede, jogar *on-line* e escrever *blogs*, tornando-se reclusos e apresentando até tendências suicidas. As conseqüências também são sociais, pois afetam os relacionamentos e a preocupação com os assuntos emergentes.

Queremos um País com crescimento em sua participação na grande aldeia digital, conforme sinaliza a pesquisa apresentada pela *Folha de S. Paulo*. Entretanto, queremos que nossa participação seja diferenciada, construída em sólidas bases educacionais e éticas, passo inicial e importante para uma verdadeira inclusão digital, na qual é fundamental a participação da UNESP, como uma das mais importantes universidades brasileiras.

Klaus Schlünzen Junior é professor da área de Informática e Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia do *campus* de Presidente Prudente e do seu Programa de Pós-Graduação em Educação. Atualmente, preside a Comissão Permanente de Educação a Distância da UNESP e é membro do corpo de especialistas do Ministério da Educação para projetos de uso de tecnologias na educação.



ENCONTRO

Evento debate metas da pós-graduação

Reunião de pró-reitores envolveu representantes de 42 universidades do Sudeste na Reitoria da UNESP

Representantes de 42 universidades da Região Sudeste reuniram-se, na sede da Reitoria, em São Paulo (SP), nos dias 12 e 13 de abril, no Fórum de Pró-Reitores de Pós-graduação e Pesquisa (Forpropp). Estavam presentes o reitor da UNESP Marcos Macari, o presidente da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) Jorge Guimarães e o diretor científico da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) Carlos Henrique de Brito Cruz, entre outras autoridades.

“No encontro, nós aprofundamos a discussão de temas como a vinculação das metas, estratégias e mecanismos que viabilizam a maior articulação entre a graduação, a pós-graduação e as áreas de desenvolvimento científico e tecnológico no período entre 2005 e 2010”, disse Marilza Rudge, coordenadora do evento e pró-reitora de Pós-graduação da UNESP.



Encontro: relação da pós com graduação e desenvolvimento científico

Daniel Pomme

Segundo Guimarães, a Capes, responsável por 54% das bolsas de pós-graduação no Brasil, pretende ampliar os programas de pós-graduação das Engenharias, que aumentaram apenas 1%, nos últimos dez anos. Outra meta destacada pelo dirigente é o maior investimento em programas de pós-doutorado e mestrado profissional, em parceria com empresas privadas.

Para Brito, a grande diferença dos investimentos em pesquisa no Brasil, em relação a outros países, está na participação das indústrias. “Dos recursos para a área, no Brasil, 0,6% vêm dos governos e apenas 0,4% vêm das empresas, diferentemente do Japão, em que o Estado investe 0,6% e as indústrias, 2%”. Os participantes elaboraram um Plano Sudeste de Pesquisa e Pós-graduação, com as conclusões da reunião, a serem debatidas no Fórum Nacional, nos dias 2 e 3 de maio, em São Luís (MA).

COMUNIDADE

Instituto recebe doação de sítio

Local será transformado em Estação Ecológica e usado em atividades de ensino e pesquisa



Lígia A. B. da Silva

Ciências Exatas (Ibilce), campus de São José do Rio Preto. O sítio será transformado na Estação Ecológica Sebastião Meimberg Porto – nome do proprietário das terras, de 84 anos, solteiro e sem filhos.

O terreno será utilizado pelos professores dos Departamentos de Zoologia e Botânica e de Biologia para coleta de material de estudo. Além disso, alunos de Ciências Biológicas poderão ter aulas no local. “O sítio doado será um campo de pesquisa, tanto para os campi da UNESP quanto para outras universidades”, afirma diretor do Ibilce, Johnny Rizzieri Olivieri.

Lígia Aliberti Barbosa da Silva, bolsista UNESP/Universia/Ibilce/São José do Rio Preto

Porto (centro) e Olivieri (esq.) no sítio

Um sítio de 33,25 alqueires, no município de Icem (SP), foi doado, em cerimônia realizada no dia 23 de abril, para o Instituto de Biociências, Letras e

INFORMÁTICA

Docente é premiado em segurança da informação

Pesquisador foi considerado um dos 50 profissionais mais influentes na área

Adriano Mauro Cansian, coordenador do Laboratório ACME! (Advanced Counter-Measures Environment), do campus de São José do Rio Preto, recebeu o prêmio A Nata dos Profissionais de Segurança da Informação 2006. A homenagem é entregue aos 50 profissionais mais influentes do País em tecnologia de segurança da informação.

Em sua terceira edição, o prêmio foi promovido pela Sucesu-SP (Sociedade de Usuários de Informática e Telecomunicações de São Paulo) e pelas empresas TI Brasil Intelligence e IDG Brasil. A entrega do troféu ocorreu em novembro de 2006.

“Esse prêmio é mais voltado para o mercado de informática, por isso não es-



Regina Agrella

Cansian não esperava indicação de seu nome

perava estar entre os 50 profissionais selecionados”, diz Cansian, docente do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). (LABS)

LEITURA DINÂMICA

APOIO PSICOLÓGICO

Os alunos de graduação da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), campus de Botucatu, agora contam com um Serviço de Apoio Psicológico ao Estudante, o Sapes, coordenado pela psicóloga Lisa Milaré. O estudante que procurar o auxílio do Sapes é submetido a uma avaliação psicológica que funcionará como uma triagem, selecionando quais casos necessitam apenas de orientação e quais precisam de psicoterapia individual. “Caso a avaliação indique que o aluno precisa de um acompanhamento mais específico, ele pode iniciar um trabalho de psicoterapia nos mesmos moldes realizados em consultórios particulares”, informa Lisa. (Rafael Fernando dos Santos, bolsista UNESP/Universia/FMVZ/Botucatu)

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O jornalista e historiador da Ciência Ulisses Capozzoli proferiu no Auditório da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA), campus de Botucatu, a conferência “Diálogos com a terra e o céu”. Ela integra o Projeto “Luz no Campus – filosofia ao entardecer”, promovido pela FCA, Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais (Fepaf) e Prefeitura de Botucatu, com o objetivo de realizar encontros sobre temas que envolvem ética, política e ciência. Capozzoli tratou das condições necessárias para a presença humana na Terra. “É necessária a existência de uma estrela relativamente estável, com planeta localizado no interior da zona de habitabilidade, o que permite a água em três estados, entre outras considerações”, afirmou. (Adriana Aparecida Firmino, bolsista UNESP/Universia/FCA/Botucatu)

ADMINISTRAÇÃO

Janaina Ferreira de Souza, aluna do sétimo semestre de Administração do campus de Tupã, recebeu uma bolsa de iniciação científica da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Orientada pelo docente Gessuir Pigatto, ela desenvolve a pesquisa “Matriz de relacionamento entre pequenos supermercados e seus fornecedores atacadistas”. O

trabalho, focado em municípios do extremo oeste do Estado, pretende verificar como os pequenos varejos se relacionam entre si e com seus fornecedores, além de identificar vantagens e desvantagens de novas formas de relacionamento comercial. “Aplicaremos questionários abertos nos dois segmentos para descobrir os problemas que cada um enfrenta”, explica. (Leandro Rigon Pardo, bolsista UNESP/Universia/Tupã)

MÚSICA

Para comemorar a Semana da Água, aconteceu no dia 23 de março, no Salão Nobre do Campus do Litoral Paulista (CLP), em São Vicente, uma apresentação do músico ambientalista Vicente Lapa. O artista interpretou composições de sua autoria, entre elas *Queridos pescadores*, na qual homenageia Tonico Lancha, o mais antigo pescador da região. “Já tinha ouvido algumas dessas músicas, mas não sabia que todas eram do Vicente”, disse a aluna Aline Boutros. Outra composição do músico prestou homenagem ao Centro Acadêmico Içara, do CLP. Após a apresentação, os estudantes conversaram com Vicente sobre projetos que ocorrem na universidade e trocaram experiências ambientais. (Felipe Augusto Zanusso Souza, bolsista UNESP/Universia/CLP/São Vicente)

DOCÊNCIA

Dos 193 docentes do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), em São José do Rio Preto, 44 já foram alunos de graduação ou de pós-graduação do Instituto. Arif Cais, do Departamento de Zoologia e Botânica, é o ex-aluno que há mais tempo atua no Ibilce. Graduiu-se em História Natural pela Fafi (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; hoje, Ibilce) em 1971 e passou a integrar o quadro de docentes do Instituto em 1976. “Foi muito gratificante me tomar colega de departamento de meus ex-professores”, relata. Adalberto Spezzamiglio, do Departamento de Matemática, iniciou o curso de graduação na Fafi em 1970. “A partir de um estágio, interessei-me em continuar na área”, afirma. (Lígia Aliberti Barbosa da Silva, bolsista UNESP/Universia/Ibilce/São José do Rio Preto)

ESTÁGIO

Alunos do Campus de Registro realizaram, entre janeiro e fevereiro, um estágio na Apta (Agência Paulista de Tecnologia do

Agronegócio). As atividades, desenvolvidas no PRDSVR (Pólo Regional do Desenvolvimento Sustentável do Vale do Ribeira), são divididas em zootecnia e fitotecnia. Durante o estágio, 21 alunos tiveram a vivência prática de assuntos relacionados ao curso de Agronomia. A parceria entre a Universidade e a Apta visa promover pesquisas para o desenvolvimento socioeconômico da região. “Para os pesquisadores, é interessante orientar estagiários. Eles estimulam o nosso próprio conhecimento e auxiliam nas atividades práticas e de pesquisa”, afirma a pesquisadora Valéria Augusta Garcia, da Apta. (Everton Pires Soliman, bolsista UNESP/Universia/Registro)

MOVIMENTO ESTUDANTIL

Em março, o Centro Acadêmico Pirajá da Silva (CAPS), da Faculdade de Medicina, campus de Botucatu, promoveu uma Oficina de Introdução ao Movimento Estudantil para os calouros de Medicina. A oficina foi aberta com uma palestra do médico e professor aposentado Roberto Sogayar, que discorreu sobre os ideais médicos e enfatizou que os pilares da Medicina são conhecimento técnico, habilidade e ética. Em seguida, falou Erica Vasques Trench, presidente da Associação dos Médicos Residentes de Botucatu e ex-vice-presidente do CAPS. “Expus meu trabalho de anos no movimento estudantil e o impacto positivo que isso teve em minha vida”, comentou. (Thays Tye Takahashi, bolsista UNESP/Universia/FM/Botucatu)

ESCOLA DE VERÃO

A Faculdade de Engenharia, campus de Guaratinguetá, foi sede, de 26 de fevereiro a 2 de março, da XI Escola de Verão em Dinâmica Orbital e Planetologia, evento anual organizado pelo Grupo de Dinâmica Orbital e Planetologia da UNESP. A proposta do evento é difundir conceitos básicos e temas atuais em Dinâmica Orbital e Planetologia para graduandos e graduados na área de Ciências Exatas e professores de Ensino Médio. A Escola ofereceu dois minicursos e reuniu 21 participantes. “Alunos que participaram desta Escola se interessaram pela área e seguiram fazendo pós-graduação”, diz Ernesto Vieira Neto, professor do Departamento de Matemática e um dos coordenadores da Escola de Verão. (Augusto Fontan Moura, bolsista UNESP/Universia/FE/Guaratinguetá)



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA



As atrações do ensino

Para chamar a atenção dos alunos da rede pública, universitários apelam para a linguagem do teatro ou então destacam o lado curioso e divertido dos fenômenos científicos

SAÚDE

Peça valoriza doação de sangue

Alunos de Medicina e Enfermagem percorrem região de Botucatu para promover prática

Cerca de cinco mil estudantes do ensino fundamental e médio da região de Botucatu já receberam informações sobre a importância do ato de doar sangue, por meio do projeto "Sangue na Rua", da Faculdade de Medicina (FM), *campus* de Botucatu. Com um ônibus, 20 graduandos dos cursos de Medicina e de Enfermagem, sob a coordenação dos professores Newton Key Hokama e Maria José Lima dos Reis, vão até escolas



Grupo pretende melhorar conhecimento sobre assunto

e bairros, promovendo apresentações de teatro, palestras e outras atividades.

O "Sangue na Rua" é realizado, desde 2006, num convênio entre a FM, o Ministério da Ciência e Tecnologia e a Academia Brasileira de Ciência, por meio do Projeto Ciência Móvel. O trabalho integra também o Programa Ciência na UNESP, ligado à Vice-Reitoria da Universidade.

"Entendemos que a sociedade já está sensibilizada com relação à importância da doação de sangue. Contudo, optamos por um trabalho que reforce o conhecimento do assunto e contribua para que as pessoas se tornem doadoras constantes de sangue", diz Hokama.

Para os alunos do ensino fundamental, a ferramenta pedagógica utilizada é uma peça de teatro interativa. No trabalho, num picadeiro com palhaços e malabaristas, uma menina triste e de rosto pálido

explica que perdeu a alegria de viver porque adquiriu anemia. A dramatização discute os mitos que envolvem a doação, como contrair doenças no contato com a agulha. Com a platéia já esclarecida, o palhaço "descobre" que o ato de doar sangue pode devolver a alegria da garota.

Um outro foco de trabalho do grupo são as pessoas que participam das coletas externas que o Hemocentro da UNESP promove. Com a preocupação de melhorar a qualidade do sangue nas transfusões, os alunos explicam questões como janela imunológica, ou seja, o intervalo de tempo entre a contaminação de uma pessoa por um agente infeccioso e a identificação da doença em exames. "Reforçamos o aspecto da cidadania envolvida na doação de sangue. O doador tem seus direitos e deveres, e, principalmente, a responsabilidade civil por esse ato", explica Hokama.

Daniel Patire

QUÍMICA

"Shows" aproximam jovem do conhecimento

Em Dracena, adolescentes participam de experiências como simulação de chuva ácida

Dois apresentações do "Show de Química" para alunos de 8ª série da Escola Estadual Alfredo Machado abriram o projeto "Ciência na UNESP - Dracena", no *campus* local da Universidade. Ocorridas nos dias 26 de março e 2 de abril, as exposições feitas por estudantes de graduação do curso de Zootecnia explicaram conceitos da Química relacionados ao cotidiano dos jovens.

Com apoio do Programa Ciência na UNESP, ligado à Vice-Reitoria, o projeto busca divulgar a ciência entre estudantes das escolas públicas e privadas da região, contribuindo para a melhoria do seu desempenho educacional.

Sob a coordenação do professor Fábio Ermínio Mingatto, os graduandos Adriana Moraes, Caroline Oliveira, Juliana Kojima, Luiz Coutinho e Mariana Trevizan iniciaram o "Show" com uma introdução teórica sobre a importância da Química no dia-a-dia. Em seguida, foram realizadas experiências com a participação dos adolescentes, como a simulação de chuva ácida e a decomposição da água oxigenada.

"Os experimentos simples e com temas do cotidiano, além da interação com os monitores, têm tido resultados muito positivos com os alunos das escolas. Com a visita aos laboratórios da Universidade, eles compreendem melhor os conteúdos que são passados nas aulas", diz Mingatto.

Outras experiências permitem a discussão de conceitos químicos. Por



Exibições envolvem interação com monitores

exemplo, a simulação de um vulcão é feita com a adição de um ácido, como o vinagre (ácido acético), em determinada quantidade de bicarbonato de sódio com corante vermelho. A "lava" resultante provoca a discussão sobre as reações de neutralização que ocorrem entre um ácido e uma base.

Segundo o coordenador do projeto, a visita dos alunos das escolas ao *campus* também aproxima a comunidade da Universidade. Para a locomoção dos grupos, foi firmada uma parceria com a prefeitura, que fornece os veículos. No primeiro semestre, deverão ocorrer exposições quinzenais do "Show de Química". "Temos a intenção também de ampliar as apresentações para outras áreas da ciência, como Física e Biologia", ressalta Mingatto.

(DP)

TECNOLOGIA

Acesso por celular à produção científica

Informações de Centro de Araraquara estão disponíveis em endereço da Internet



Novas tecnologias ajudam difusão do conhecimento

Desde o dia 30 de março, toda a produção científica do Centro Multidisciplinar para o Desenvolvimento de Materiais Cerâmicos (CMDMC), do *campus* de Araraquara, está disponível na Internet para ser acessada pelo celular, no endereço wap.cmdmc.com.br. "A intenção do CMDMC é aplicar, com eficiência, os novos meios tecnológicos visando à difusão do conhecimento produzido em seus laboratórios", afirma José Arana Varela, pró-

reitor de Pesquisa da UNESP e diretor de Inovação Tecnológica do Centro.

Além de permitir o acesso ao conteúdo institucional do CMDMC, notícias de ciência e tecnologia, publicações científicas e galerias de fotos obtidas por meio de Microscópio de Varredura Eletrônica (MEV), o sistema *wap* possibilita assistir aos vídeos produzidos pelo Centro.

O sistema *wap* (Wireless Application Protocol), ou navegação sem fio, funciona em telefone celular equipado com tal navegador. Também pode ser utilizado em aparelhos móveis com sistemas mais avançados como o PDA (Personal Digital Assistant), ou um computador de mão.

"Tivemos a preocupação de integrar toda a base de dados cadastrada na Plataforma Lattes da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com o nosso portal, mantendo uma maior consistência das informações", explica o professor Elson

Longo, diretor do CMDMC e pesquisador do IQ, ao qual o Centro está vinculado.

O CMDMC reúne pesquisadores de UNESP, UFSCar, USP-São Carlos e Ipen. É um dos dez centros de excelência criados pela Fapesp, por meio do programa Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepids), e conta com apoio do CNPq.

A tecnologia para o acesso *wap* foi desenvolvida pela Aptor Software, uma empresa especializada em tecnologia da informação nas áreas de formação de redes de pesquisa, gerenciamento de eventos científicos e sistemas de educação apoiados por computador, que nasceu nos laboratórios do Centro.

O gerente da Aptor Software, Thiago Jabur, mestre em Ciência da Computação, destaca que o acesso à Internet pelo sistema *wap* não é caro. Ele explica que, nesse caso, o usuário não paga por tempo, mas por dado acessado. José Angelo Santili



PEDAGOGIA

Escola de mulheres

Arilda Inês Miranda Ribeiro, docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia, *campus* de Presidente Prudente, apresenta rico material sobre o Colégio Florence de Campinas (1863-1889). A análise do processo educativo das mulheres de famílias abastadas na cidade, durante o século XIX, contemplou uma instituição de nível secundário, de origem laica e iniciativa particular, que possuía aspectos que a diferenciavam de grande parte de suas contemporâneas. Mostra antecedentes históricos e aspectos formais e informais da educação



feminina na instituição. Relaciona os professores que mais se destacaram e os reflexos posteriores do colégio em suas carreiras de educadores. Recupera ainda a procedência das alunas e expõe os motivos da transferência da escola de Campinas para Jundiá. A pesquisa envolveu cartas, diários, jornais, obras sobre o período, almanaques, material iconográfico, entre outros elementos pouco utilizados na historiografia da educação brasileira.

A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas (1863-1889) – Arilda Inês Miranda Ribeiro; Coleção Campiniana, vol. 4; Centro de Memória da Unicamp (CMU); 240 páginas; R\$ 13,00. Informações: <http://www.centrodememoria.unicamp.br/public/campiniana.html>

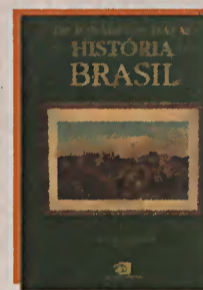


Cartão-postal da Rua Direita em 1929

DICIONÁRIO

História em datas

Escrito por especialistas sob a coordenação de Circe Bittencourt, historiadora social e professora de pós-graduação na Faculdade de Educação da USP, apresenta o estado atual do conhecimento sobre as mais importantes datas do calendário brasileiro. O livro, que pode ser lido na sequência do calendário (por mês e dia), por ano, tema – ou sem qualquer ordem –, possibilita ao leitor consultar datas comemorativas e/ou fatos históricos e identificar os assuntos conforme seu interesse. Tânia Regina de Luca, docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), *campus* de Assis, escreveu artigo sobre a Revolução de 1930. Políticos, militares, religiosos, empresários, intelectuais e artistas, trabalhadores e populações de diferentes etnias são apresentados em datas marcadas por lutas, festas, alegrias, tristezas, heroísmo e traições. Útil para professores e alunos, assim como para responsáveis por políticas públicas, educadores, jornalistas e historiadores.



Dicionário de datas da história do Brasil – Circe Bittencourt (organizadora); Editora Contexto; 304 páginas; R\$ 49,00. Informações: (11) 3832-5838; imprensa@editoracontexto.com.br

CIÊNCIA

Modelos de ensino

A publicação aborda questões relacionadas ao uso da linguagem e ao funcionamento de analogias, leituras e modelos no ensino de Biologia, Física e Química, nos níveis fundamental, médio e superior. “É resultado de interações que possibilitaram a intersecção de preocupações, objetivos e propostas de solução para problemas identificados no ensino da ciência”, diz Roberto Nardi, vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da UNESP, docente da Faculdade de Ciências, *campus* de Bauru, e co-organizador da obra com Maria José P. M. de Almeida, professora da Unicamp. Apresenta questões como o discurso analógico no ensino superior de Física e Química, percepções de professores sobre o conceito de analogia e sua utilização na aprendizagem dessas matérias, além do uso de texto escrito por professores e alunos nas aulas de Ciências e a construção de modelos na formação inicial e continuada de professores de Química.



Analogias, leituras e modelos no ensino de Ciência: a sala de aula em estudo – Roberto Nardi e Maria José P. M. de Almeida (organizadores); Escrituras Editora; Coleção Educação para a Ciência; 160 páginas; R\$ 29,00. Informações: (11) 5082-4190 ou imprensa@escritura.com.br



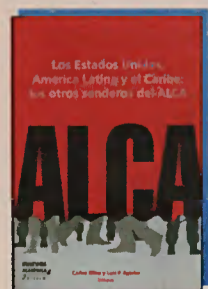
Sem título, Arthur Luiz Piza

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Caminhos da Alca



Adoutrina Bush, a Alca (Área de Livre Comércio das Américas) na agenda da política exterior dos EUA, o Plano Colômbia e a Amazônia, o Mercosul e as possibilidades de integração são alguns dos temas dos oito ensaios desta coletânea, organizada por Luis Ayerbe, docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), *campus* de Araraquara, e Carlos Oliva, coordenador-geral da Redialc (Rede de Integração da América Latina e do Caribe). Publicada numa parceria do Laboratório Editorial da FCL e da Associação para a Unidade de Nossa América, de Cuba, a obra traz importantes contribuições para o estudo dos principais problemas da América Latina e do Caribe. “Diferentemente do governo norte-americano, que conduz com clareza seus interesses e objetivos na América Latina e Caribe, concebendo-os como um bloco, essas regiões não têm para si mesmas uma perspectiva que as articule de maneira conjunta”, afirma Ayerbe.



Los Estados Unidos, América Latina y el Caribe: los otros senderos del ALCA – Carlos Oliva e Luis Ayerbe (editores); Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências e Letras, *campus* de Araraquara, e Associação para a Unidade de Nossa América; 232 páginas; R\$ 14,00. Informações: (16) 3301-6275 ou laboratorioeditorial@fclar.unesp.br

EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho com as creches

Mestre e doutora em Serviço Social pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social, *campus* de Franca, Elci Antônia de Macedo Ribeiro Pitti analisa a creche como espaço de socialização, tema de seu doutorado, apresentado em 2004. O foco central de sua reflexão é o Projeto Solidariedade. Proposta multiprofissional aplicada em 15 creches de Franca, o Projeto constituiu uma pesquisa-ação, que envolveu 10 diretores, 15 coordenadoras, 120 agentes educacionais que trabalhavam diretamente com crianças nesses locais, além de 230 pais. A autora esclarece o que é uma creche, alguns de seus aspectos históricos e as leis que regulamentam seu funcionamento no Brasil. Apresenta também elementos sobre a influência da família e outros agentes educacionais na organização biopsicossocial da criança até sete anos. “Saúde na educação é possível se for respeitada a essência humana dos agentes educacionais e dos educandos”, conclui Elci.



Família brasileira, Tansila do Amaral



A saúde na educação é possível?: uma proposta interdisciplinar e transdisciplinar – Elci Antônia de Macedo Ribeiro Pitti. Faculdade de História, Direito e Serviço Social, *campus* de Franca; 172 páginas; R\$ 25,00. Informações: (16) 3711-1856, publica@franca.unesp.br ou elcipatti@yahoo.com.br



A armadilha do determinismo genético

Retórica do Projeto Genoma Humano desconsidera constatações empíricas sobre a complexidade dos genes para promover imagem de *Big Science* e ampliar captação de recursos

MAURÍCIO TUFFANI

Lançado em março deste ano, o livro *Promessas do genoma*, do jornalista Marcelo Leite, chama a atenção por revelar com rigor o caráter de propaganda enganosa da retórica dos líderes dos projetos público e privado do genoma humano, realizado majoritariamente por pesquisadores dos Estados Unidos e do Reino Unido. Mas a obra tem um alcance muito maior, relacionando a visão determinista desses cientistas sobre a biotecnologia na divulgação de seus trabalhos e na captação de recursos à aceitação social da perspectiva de subordinação de todos os domínios da vida ao controle da tecnologia.

Publicado pela Editora UNESP, o livro se originou da tese em sociologia da ciência defendida pelo autor em agosto de 2005 na Unicamp. É grande entre pesquisadores das ciências naturais a objeção aos estudos sobre suas especialidades de sociólogos, antropólogos, historiadores e filósofos. O contexto dessa dificuldade de diálogo entre áreas teve sua mais célebre descrição em 1959 pelo escritor britânico Charles Percy Snow (1905-1980). Em sua famosa conferência na Universidade de Cambridge, depois convertida em livro, ele se referiu ao hiato entre “as duas culturas”, ou seja, o abismo existente entre os estudiosos das ciências naturais e da tecnologia e os das artes e das humanidades.

Apesar de esse hiato ter sido evocado contra o “outro lado” muito mais por integrantes das ciências humanas, estes também muitas vezes se mostraram como sintomas do fenômeno que apontavam, ora devido ao emprego incorreto de conceitos científicos, ora por causa da arbitrariedade da generalização indevida de suas conjecturas e conclusões, quase sempre ao sabor do vaivém dos modismos teóricos das humanidades.

Familiarizado há mais de 20 anos com o dia-a-dia de pesquisadores de diversas áreas devido à sua atuação como jornalista especializado na cobertura de ciência, Marcelo Leite – que estudou jornalismo e filosofia na USP – embrenhou-se desde muito cedo em um esforço disciplinado e criterioso de superação desse abismo entre as duas culturas. Desse modo, ao fazer sua incursão como cientista social sobre as publicações científicas e atitudes na esfera pública de pesquisadores do Projeto Genoma Humano (PGH) e de seus críticos, ele soube se preservar não só da tentação do recurso apriorístico às formulações teóricas sobre o cientificismo contemporâneo, mas também de sucumbir às ciladas das concepções otimistas e apocalípticas sobre esse tema.

Promessas do genoma traz um rigoroso mapeamento da ocorrência, nos papers, livros e entrevistas de cientistas envolvidos no PGH, justamente daquilo que os acadêmicos sempre criticaram na divulgação científica para o público não especializado: o uso e o abuso de metáforas – com o agravante da incompatibilidade com o atual conhecimento da complexidade empiricamente constatada da arquitetura do genoma e de suas interações com a célula, o organismo e o meio circundante. Não bastasse o apelo

a esse recurso, os líderes do projeto não se pouparam do uso de hipóteses discursivas, como “Livro da Vida”, “Santo Graal”, “Admirável Mundo Novo”, “Nova Era” e várias outras compiladas no livro.

Essa retórica – com a petição às vezes explícita, às vezes sub-reptícia pela continuidade do fluxo de financiamento do empreendimento supostamente concluído – esteve presente em vários dos artigos publicados nas edições de janeiro de 2001 das revistas *Science* e *Nature*, em que foram anunciados os primeiros resultados do PGH e do programa privado concorrente, do conglomerado Celera Genomics,

capitaneado pelo dissidente Craig Venter. Não vale o argumento da circunstância atenuante para essa licenciosidade discursiva em vista da necessidade de mais investimentos para evitar a ameaça de patenteamento de seqüências de genes por parte de Venter. Leite demonstra que, em verdade, desde os primórdios do PGH, no final por trás de toda essa retórica tem sido precisamente interferir na esfera pública para assegurar à biologia molecular o status de *Big Science* – como o da física nuclear e do pro-

grama espacial no passado – e também a destinação prioritária de recursos financeiros.

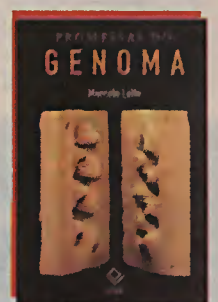
Mas a Lua não pode ser confundida com o dedo que é usado para apontá-la. *Promessas do genoma* vai além do equacionamento e enquadramento dessa propaganda científica enganosa, que teve a cumplicidade da mídia em geral por sua veiculação praticamente livre de críticas. O foco principal do livro é o vínculo entre a consagração pública da imagem de hegemonia da importância da genômica no cenário atual – o “Século da Biotecnologia” – e a concepção do determinismo genético presente nas atitudes públicas dos pesquisadores envolvidos no PGH, inclusive por meio da publicação de seus trabalhos em revistas científicas especializadas.

É surpreendente que essa visão determinista tenha sido propagada pelo PGH justamente quando a biologia parecia já estar devidamente vacinada contra ela. Menos reforçada por propostas como a da sociobiologia, de Edward Wilson, do que por formulações simplistas como a de *O gene egoísta*, de Richard Dawkins, a aceitação da idéia de que “tudo está nos genes” já havia sido desqualificada por Richard Lewontin, Stephen Jay Gould e vários outros críticos.

Além de serem comprometidas com esse determinismo insustentável diante da constatação de que os organismos não são inteiramente determinados por seus genomas, as próprias noções de “código genético” e de “informação genética”, contrabandeadas da cibernética, impregnaram na esfera pública a visão reducionista do gene como condição de unidade de informação. Puramente sintática e virtual, essa unidade apresenta-se como despojada de sua natureza biológica, abordada *in vivo* e *in vitro*, tornando-se uma abstração prospectável *in silico* em bancos de dados e capaz de circular em sistemas geradores de valor, seja por meio de patentes, seja por meio da promessa do controle pela tecnobiologia dos processos ligados à vida.

“Insistir no determinismo, nesses casos e a partir de certo ponto de acumulação de dados, equivale a contribuir mais para obscurecer do que para elucidar o objeto de estudo”, diz Marcelo Leite. Descaminhada por motivações extracientíficas, a genômica sustentada por metáforas deterministas e reducionistas precisa ser resgatada para “a promessa de objetividade e de imparcialidade implícita em qualquer forma de pesquisa científica, até mesmo na tecnociência”. Para isso, a única receita é a crítica social por meio do ceticismo sistemático na esfera pública, diz o autor dessa obra que merece tradução para o inglês e é leitura obrigatória para pesquisadores e divulgadores de ciência.

Promessas do genoma – Marcelo Leite; Editora UNESP; 248 páginas; R\$ 30,00. Informações: (11) 3242-7171, feu@editora.unesp.br www.editora.com.br



Descoberta; René Magritte

Olimpíada de Matemática premia alunos de Guarará

Colégio Técnico Industrial recebe duas medalhas de ouro, uma de bronze e 11 menções honrosas

Dois estudantes do Colégio Técnico Industrial Professor Carlos Augusto Patrício Amorim (CTIG), unidade auxiliar da Faculdade de Engenharia (FE), *campus* de Guaratinguetá, receberam medalhas de ouro na 2ª Obmep (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas). Os resultados do evento, que ocorreu em novembro de 2006, foram divulgados em março. Laércio da Cruz Asano Júnior e Driele Plentz da Silva, então alunos do Colégio, hoje estudam, respectivamente, na Universidade Federal de São Carlos e na FE. Outro ex-aluno, Renato de Campos, que conquistou medalha de bronze, atualmente também cursa a UNESP de Guaratinguetá. Outros 11 alunos do CTIG receberam menções honrosas.

“O CTIG foi a única escola de ensino médio do Vale do Paraíba a receber medalhas de ouro”, informa Flávio Gomes de Araújo, coordenador do ensino médio do colégio. Pelo trabalho realizado, o docente fará um estágio no Impa (Instituto de Matemática Pura e Aplicada), em julho. Além disso, a biblioteca da escola receberá doações em livros.

Os alunos premiados com medalha receberam também uma bolsa de iniciação científica, com outros sete colegas do CTIG. “Das 200 bolsas destinadas ao Estado de São Paulo, nosso colégio ficou com dez”, destaca Araújo. No colégio Técnico Industrial Professor Isaac Portal



Asano Júnior, Araújo e Driele: colégio ganhou bolsas de iniciação científica e livros

Roldán (CTI), ligado à Faculdade de Engenharia (FE), *campus* de Bauru, três alunos, atualmente no 3º ano do ensino médio, receberam menção honrosa e bolsa de iniciação científica.

Promovida pelo Ministério da Educação, com apoio do Impa e da Sociedade Brasileira de Matemática, a Olimpíada envolve estudantes do ensino médio e de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental. Em 2006, o evento reuniu cerca de 14 milhões de inscritos. A UNESP participa do trabalho de coordenação regional dessa

iniciativa, por meio de docentes dos *campi* de São José do Rio Preto e Presidente Prudente. Esses *campi*, com os de Bauru, Marília e Ilha Solteira, são sedes de algumas cidades participantes.

Olimpíada da UNESP

No *campus* de Bauru, o Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências, promove a Olimpíada Regional de Matemática da UNESP de Bauru (Ormub), destinada a alunos do ensino médio. Em sua 14ª edição, em novembro de 2006, houve por volta de 300 inscritos. Quatro alunos do Colégio Técnico Industrial de Bauru (CTI) receberam medalhas, sendo três de ouro e uma de prata. Samuel Furquim Junior e Hailton Ferraz da Silva Junior, ambos da 3ª série, ficaram em 1º e 2º lugares, respectivamente. Carolina Dionizio foi a vencedora na 2ª série, e Alessandra Mari Nogreti, na 1ª série.

Genira Chagas

Bom resultado no Enem

Os resultados do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), realizado em agosto de 2006, também destacam o Colégio Técnico Industrial Professor Carlos Augusto Patrício Amorim (CTIG). No exame, essa unidade auxiliar da Faculdade de Engenharia (FE), *campus* de Guaratinguetá, obteve média de 63,28, enquanto no Estado a média foi de 43,77. O resultado coloca o colégio como a melhor escola pública do Vale do Paraíba, quinta melhor do Estado e sexta melhor do País.

Por uma falha do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o desempenho do colégio foi anunciado apenas no dia 2 de abril, quase dois meses após o anúncio do resultado nacional. (GC)

ARTES

Grupo de circo viaja pelo País

Exposição de fotos e recortes de jornais apresenta passagem de trupe por 20 cidades de 14 Estados

Em abril, o Instituto de Artes, *campus* de São Paulo, abrigou a exposição *Circo Teatro Rosa dos Ventos perdeu o rumo da Venezuela*. O evento reuniu fotos da aventura vivida pelo grupo circense, criado por alunos da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), *campus* de Presidente Prudente. Com apoio da UNESP, eles percorreram, em 76 dias, 11,2 mil km. Os nove integrantes passaram por 14 Estados e 20 cidades em um Opala e uma Ipanema.

A mostra já havia sido exibida nos *campi* da UNESP de Assis e Presidente Prudente e também na UniSantana, na capital paulista. Acrescida das pinturas do artista plástico Deva Bhakta, estudante de Pedagogia da FCT, a exposição relata a jornada do Rosa dos Ventos, desde a saída de Presidente Prudente em 20 de dezembro de 2006, com destino a Caracas, Venezuela, para participar do Fórum Mundial.

No entanto, em Belém (PA), foram furtadas as malas onde estavam os passaportes de dois integrantes do grupo. Sem chances de atravessar a fronteira, a solução foi



Apresentações incluíam malabarismo e quadros humorísticos

buscar novas paragens para mostrar o trabalho circense.

Integraram a turnê os alunos Fernando Ávila, Antonio Neto, Luis Paulo Vicente, Nizete Gusmão, Camila Peralta, Marilyn Nunes, Felipe Macaxera, Mariana Leiros,

Naian e Débora Freire, que viajou de Belém a Recife. Em Montes Claros, como um integrante perdeu a carteira de habilitação, Thiago Munhoz e Gabriel Mungo se integraram à trupe, que retornou no dia 5 de março.

Para prosseguir a viagem, a turma dependia do dinheiro arrecadado em praças públicas, com apresentações que incluíam malabarismo e quadros humorísticos. Em algumas cidades, receberam o apoio das prefeituras. “Dormimos em lugares como circos de lona, casas abandonadas e mansões”, conta Fernando. “Um dos integrantes contraiu dengue e tivemos que interromper a viagem.”

A exposição apresenta fotos da viagem e recortes de jornais com reportagens sobre a jornada, que incluiu, entre outras cidades, São José do Rio Preto (SP), Goiânia, São Jorge e Chapada dos Veadeiros (GO), Brasília (DF), Belém (PA), Imperatriz, Boa Vista do Gurupi e São Luis (MA), Teresina e Piri-piri (PI), Fortaleza e Aracati (CE), Mossoró e Natal (RN), João Pessoa (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Aracaju (SE), Salvador (BA), e Montes Claros e São Thomé das Letras (MG).

Oscar D'Ambrosio



MEDICINA VETERINÁRIA

Periódico internacional sobre carrapatos terá editor de Jaboticabal

O médico veterinário Gervásio Henrique Bechara, docente da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), campus de Jaboticabal, assumiu, em março, o cargo de editor para a área de carrapatos da newsletter do *Integrated Consortium on Ticks and Tick-Borne Diseases* (ICTTD), consórcio internacional de



Reprodução

estudos e pesquisas sobre esses parasitas e as doenças por eles transmitidas. Membro do conselho diretor da instituição, Bechara foi convidado para o cargo por Gerrit Uilenberg, editor-chefe da publicação. "É com satisfação que aceito a responsabilidade de editar assuntos da minha área de especialidade", diz o docente da FCAV.

ILHA SOLTEIRA

Unidade festeja 30 anos de atividade com novos laboratórios

No dia 10 de abril, a Faculdade de Engenharia (FE), campus de Ilha Solteira, comemorou 30 anos de atividade com a inauguração da Central de Laboratórios Didáticos de Graduação. Com área construída de 1.288 m², o local foi batizado de "Prof. Dr. Luiz de Carvalho Landell Filho", docente falecido do Departamento de Biologia e Zootecnia. Também foi aberto o Laboratório de Entomologia II, com 300 m² de área construída, ligado ao Departamento de Fitossanidade, Engenharia Rural e Solos (Defers).

Para o diretor da FE, Wilsom Manzoli Júnior, a modernização das unidades de pesquisa ajuda a consolidar a Universidade entre os principais centros produtores de tecnologia. O chefe do Defers, Fernando Braz Tangerino Hernandez,



Divulgação

Instalações estimulam aumento de pesquisas

explica que o laboratório do Departamento foi construído por meio de parcerias coordenadas pelo docente Geraldo Papa.

ARARAQUARA

Palestra e campanha marcam aniversário do Centro de Referência Afro

Dagoberto José Fonseca, coordenador do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (Nupe), ligado à Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara, ministrou palestra no Centro de Referência Afro, que comemora um ano de fundação. O evento ocorreu no dia 16 de abril, com o tema "Construção de políticas públicas para a população negra em Araraquara".

Nesse dia, a Prefeitura, por meio da Aepir (Assessoria Especial de Promoção da Igualdade Racial), iniciou a campanha "Promovendo a Igualdade Racial", com apoio do Nupe e da ONG Fonte. A campanha come-

Divulgação



Centro reivindica políticas públicas para negros

mora os 190 anos de Araraquara e o aniversário do Centro.

Essa iniciativa envolve ações como o projeto Educar para a Igualdade Racial, para formação continuada de professores; ampliação da Biblioteca Afro Kabengele Munanga; visitas monitoradas ao Centro de Referência Afro; teatro temático nas escolas; e cursinho pré-vestibular.

EVENTOS

2 a 5/05 – São José do Rio Preto. V Simpósio de Biologia Animal na UNESP. Informações em <http://www.ibilce.unesp.br/eventos/sba2007/index.htm>

9/05 – São Paulo. Curso A cobertura de livros e de literatura na mídia: o outro lado do balcão, com Ivan Marques. Das 19h às 22h. Na Universidade do Livro. Informações: (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br, www.editoraunesp.com.br, no link para a Universidade do Livro.

14 a 18/05 – Jaboticabal. Semitap (Semana de Ciência e Tecnologia Agropecuária). Informações: diretor@fcav.unesp.br

15 a 17/05 – Araraquara. I Conferência Internacional do Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (I CONCLADIN), VI Colóquio do NUPE e II Encontro das Áfricas. Organização: FCL/Araraquara. Na FCL, Centro Cultural "Prof. Waldemar Saffioti", SESC-Araraquara e Centro de Referência Afro de Araraquara. Informações: smaarasco@reitoria.unesp.br ou negrini@fclar.unesp.br

15 e 17/05 – São Paulo. Curso Oficina de tradução (com internet em aula): falsos cognatos, termos modernos e outras dificuldades do vocabulário inglês, com Isa Maria Lando. Das 8h às 21h30. Na Universidade do Livro. Informações: (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br, www.editoraunesp.com.br, no link para a Universidade do Livro.

16 a 19/05 – Botucatu. III Congresso Acadêmico de Física Médica. No Instituto de Biociências. Informações: www.ibb.unesp.br/eventos/fisicamedica

16, 23 e 30/05 – São Paulo. Curso A gramática a serviço da produção e compreensão do texto, com Francisco Roberto Savioli. Das 18h às 22h. Na Universidade do Livro. Informações: (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br, www.editoraunesp.com.br, no link para a Universidade do Livro.

22 a 25/05 – São José do Rio Preto. 6th Congresso Temático de Dinâmica, Controle e Aplicações. No Ibilce. Promoção: Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computação da UNESP de Rio Claro e Departamento de Ciências da Computação e Estatística do de São José do Rio Preto. Informações: <http://demac.rc.unesp.br/dincon2007>

23/05 – Araraquara. Solenidades em Comemoração aos 50 anos de criação da FCL. Na Casa da Cultura "Luiz Antonio Martinez Correa". Encontro de Gerações – 1967 a 1976. Informações: negrini@fclar.unesp.br

24, 29 e 31/05 – São Paulo. Curso O mercado de livros para escolas, com Vicente Paz Hernandez. Das 18h às 21h. Na Universidade do Livro. Informações: (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br, www.editoraunesp.com.br, no link para a Universidade do Livro.

25/05 – São Paulo. Término das inscrições para a 11ª edição do Concurso Banco Real Universidade Solidária. Organização: Banco Real e Universidade Solidária (Unisol). Informações: www.bancoreal.com.br/universitario e www.unisol.org.br e (11) 3816-3922.

26/05 – Botucatu. Reunião de Troca de Informações dos Estágios Extracurriculares realizados na FCA: Agronomia e Engenharia Florestal. Informações: dt@fca.unesp.br

27/05 – Guaratinguetá. 12ª Volta do Campus Universitário de Guaratinguetá – 8 mil metros. Às 10h, celebração dos 41 anos da Faculdade de Engenharia e dos 36 anos do Colégio Técnico Industrial. Informações: (12) 3123-2806, (12) 3125-2172, denisep@feg.unesp.br

29 a 31/05 – Araraquara. I Simpósio Interação Parasita/Hospedeiro-Modelos de Estudo. Na FCF. Informações:

Vestibulares já têm datas marcadas

Já estão marcadas as datas para inscrição e realização de provas dos vestibulares da UNESP de meio de ano e de 2008. As inscrições para os exames de meio de ano vão de 28 de maio a 15 de junho. De acordo com a Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp), as inscrições devem ser feitas exclusivamente pelo site www.vunesp.com.br.

Segundo o calendário, as provas de Conhecimentos Gerais, Conhecimentos Específicos e Língua Portuguesa serão realizadas, respectivamente, nos dias 17, 18 e 19 de julho. A lista dos aprovados será divulgada em 3 de agosto e a matrícula ocorrerá no dia 6.

As inscrições para a edição 2008 do vestibular começarão no dia 17 de setembro, encerrando-se em 5 de outubro. As provas serão realizadas nos dias 16, 17 e 18 de dezembro.

Isenção

A Vunesp oferece 760 isenções de pagamento da taxa de inscrição, de R\$ 100,00, para o vestibular do meio de ano. Os interessados podem fazer a solicitação de 2 a 14 de maio. A lista dos beneficiados será divulgada no dia 18 de maio. Mais informações nos endereços www.unesp.br e www.vunesp.com.br.

www.fclar.unesp.br/simpósio/int_principal.php ou giannini@fclar.unesp.br

30/05 a 1/06 – São Paulo. Colóquio A Amazônia e o Pacífico Sul-Americano e sua importância para o Brasil. Organização: Núcleo de Pesquisas sobre o Pacífico e a Amazônia (NPPA) do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais "San Tiago Dantas" da UNESP, Unicamp e Puc-SP. Na Reitoria. Informações: nppadantasunesp@yahoo.com.br

30/05 a 2/06 – Rio Claro. XII Congresso Brasileiro de Biomecânica a ser realizado de 30/05 a 2/06. Informações: Mauro Gonçalves; Laboratório de Biomecânica; Instituto de Biociências; Departamento de Educação Física; (19) 3526-4305 (Cristina); (19) B112-1868 (Sarah); (19) 3526-4321 (FAX) ou xiicbb@rc.unesp.br

30/05 a 1/06 – Brotas, SP. II Encontro de Percepção e Conservação Ambiental: ações para a proteção dos recursos naturais e construídos. Informações: editores@olam.com.br ou www.olam.com.br/servicos.htm



ouvidoria@reitoria.unesp.br



Balancos e problemas

JOSÉ RIBEIRO JUNIOR

A Ouvidoria terminou o segundo mandato de um ano, o que propicia mais um balanço de reflexões sobre os problemas da UNESP, a partir dos dados do público usuário. Muitos progressos têm sido alcançados, mas diversos problemas permanecem em aberto, pela alta complexidade de uma Universidade sujeita às boas e más heranças. Estas são agravadas, agora, por leis e procedimentos do governo do Estado que a todos preocupam por projetos e métodos ainda obscuros.

As tarefas da Ouvidoria foram cumpridas, com a maior dedicação. Os números apontam para uma demanda crescente e, sobretudo, para uma confiança reiterada do público usuário. Na planilha, com os dados de setembro de 2006 a março de 2007, já enviada ao Reitor, demonstra-se o atendimento de 485 casos, número que, somado ao do semestre anterior, totaliza 1.026 demandas, representando mais do que o dobro do primeiro ano. Esse representativo número deve-se às condições infra-estruturais fornecidas pela Reitoria, que prestigia uma instituição cidadã e democrática. Infelizmente, entretanto, não podemos deixar de assinalar a falta de empenho de muitas unidades universitárias em fazer essa conquista institucional cumprir o seu papel. As exceções são poucas. Como tarefa voluntária e cidadã, é necessário garantir meios de comunicação e inserção nas páginas de cada unidade e prestigiar o ouvidor de cada campus. Há dificuldades materiais, bem sabemos,



Arquitetônica pictórica, Liubov Popova

mas vontade política pode superar certas limitações. Há outras sugestões que faremos ao reitor para consolidar de vez a Ouvidoria em toda a Universidade, que se soma ao inadiável código de Ética.

Voltando ao problema do último relatório, o todo mostra um destaque pelas demandas externas à instituição: provêm de cidadãos que exigem cada vez mais da universidade pública, candidatos ao vestibular e interessados pelos nossos programas de inclusão. No que respeita à comunidade unespiana, o corpo discente queixa-se de maior atenção de professores que devem ter – e cumprir com empenho – o regime de tempo integral. Queixam-se de moradia estudantil e restaurante universitário. O corpo docente ressentido de mais concursos de efetivação e condições de pesquisa. Mas é alvo de críticas no que toca a formas protecionistas de realização de concursos de admissão de novos professores e pós-graduandos. O corpo de funcionários técnico-administrativos aponta o plano de carreira estacionado, o pagamento de precatórios, o desgaste do poder de compra do vale-refeição. Há numerosas ocorrências ligadas ao relacionamento pessoal, nos três segmentos.

Os problemas pertencem ao cotidiano de uma grande universidade pública. As más heranças mencionadas são entraves a superar no médio e longo prazo. A curto prazo, está presente o dissídio anual, que se espera não seja dificultado ainda mais pelas novas diretrizes estatais.

ERRAMOS

Na página 12 do *Jornal UNESP* nº 221, de abril de 2007, o nome do professor Ivan Amaral Guerrini, docente do Instituto de Biociências de Botucatu e organizador do livro *Nas asas do efeito borboleta: o despertar do novo espírito científico*, foi escrito incorretamente.

Acervo do Brasil colonial

Cerca de 340 mil documentos produzidos pelo império português estão disponíveis no *campus* de Franca

Desde março, historiadores e estudantes interessados no período colonial brasileiro têm um importante acervo à sua disposição no *campus* de Franca. Cerca de 340 mil documentos históricos, produzidos pelo império português entre os séculos XVI e XIX, podem ser consultados no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica (Cedaph) da Faculdade de História, Direção e Serviço Social (FHDSS). (Leia quadro abaixo.)

Contido em 300 CDs, o material foi organizado pelo Projeto Resgate de Documentação Histórica Rio Branco, promovido pelo Ministério da Cultura. Essa massa de informações contém 3 milhões de páginas de documentos do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), relativos ao Brasil Colônia. A documentação pertencia a várias instituições da administração portuguesa, principalmente o Conselho Ultramarino (1642-1833) e a Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, fundada em 1736.

Os CDs foram doados pela historiadora Esther Cadas Bertoletti, coordenadora técnica do projeto federal, durante sua visita ao *campus* para ministrar a aula inaugural da pós-graduação de História, no dia 19 de março. No Estado de São Paulo, esse acervo apenas está disponível na UNESP de Franca e na Unicamp.

Os documentos avulsos, códices (pergaminhos com documentos e leis) e livros de registro, cartografia e iconografia, referentes às 18 capitanias da América Portuguesa, abrangem o período de 1583 a 1833. Os textos mostram a complexidade da administração colonial, que se estendia da legislação sobre o funcionamento dos territórios até fatos da vida cotidiana, como casamentos. “O poder

da metrópole sobre o espaço colonial era expresso pelo preenchimento de cargos, ordens régias, concessão de terras para cultivo, coleta de informações sobre escravos, índios e mulheres, pagamentos de tributos e exploração de ouro”, explica Denise Aparecida Soares de Moura, docente da FHDSS.

Projeto Resgate

Criado em 1995, o Projeto Resgate é um acordo luso-brasileiro para tornar acessíveis documentos históricos sobre o Brasil existentes em outros países, sobretudo em Portugal. Toda a documentação existente no AHU foi analisada, descrita, classificada, microfilmada e digitalizada por 110 pesquisadores de instituições públicas e privadas dos dois países. Com a reunião e disseminação desse acervo, o Projeto continua suas atividades em outras nações, como Espanha, Holanda, França e Inglaterra.

Uma característica dos trabalhos foi a descentralização da organização dos catálogos de cada capitania, que ficou a cargo de especialistas dos Estados atuais correspondentes. Além do material doado, a FHDSS possui, também em CDs, os dois volumes do Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da capitania de São Paulo, feito pelo pesquisador José Jobson de Andrade Arruda, com apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Pesquisas na UNESP

Duas pesquisas baseadas nos documentos referentes à capitania de São Paulo são hoje desenvolvidas na FHDSS, pela professora Denise e sua orientada no mestrado, Carolina Silva Severino. Em



Denise investiga mercado e poder em São Paulo

Daniel Patire



Reprodução

“Poderes locais e mercados internos em São Paulo – 1765 a 1822”, Denise estuda a força política das Câmaras das vilas em conflito com o Senado da Câmara da capitania (um órgão que pode ser comparado à atual Assembléia Legislativa do Estado), localizado em São Paulo. O embate era causado pelas diferenças de privilégios concedidos aos representantes das duas instâncias.

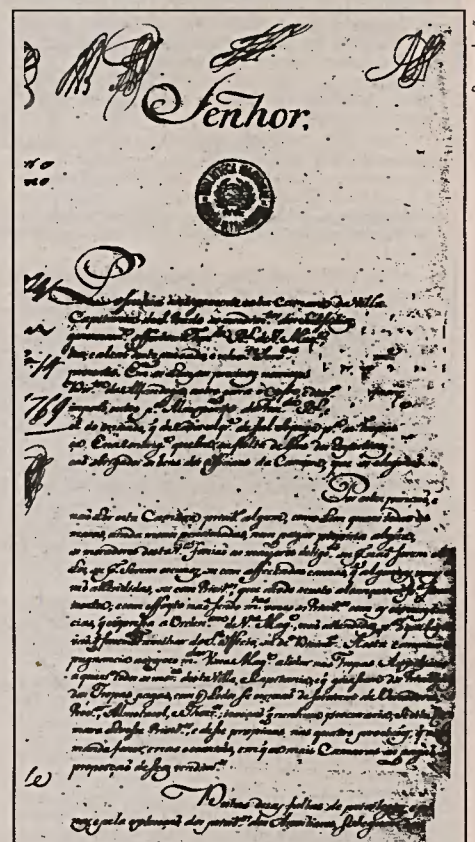
“Uma carta elaborada pelos oficiais da Câmara da Vila de Santos, de 1768, que reunia vários documentos, comparava os rendimentos da vila com os dados de São Paulo, com o objetivo de provar que a sua Câmara poderia ser elevada ao *status* de Senado”, explica a historiadora.

Com apoio da Fapesp, o projeto discute também a tributação promovida em Atibaia e Bragança, vilas produtoras, e em Santos, exportadora, tendo São Paulo como entreposto. Segundo Denise, nesse período, as tributações eram cobradas onde havia a comercialização dos produtos. São Paulo, que ficava entre o Interior e o litoral, muitas vezes interceptava as cargas e as revendia, para reter a tributação.

Na sua dissertação, Carolina analisa as tensões e conflitos no comércio interno da Colônia, examinando o caso da comarca de Curitiba, entre 1765 a 1822, quando essa localidade era ligada a São Paulo. “A região compreendida por essa comarca não apresenta vínculos diretos com os latifúndios e a exportação, destacando-se como um pólo de comércio regional”, comenta a mestranda.

Contudo, a pesquisa do acervo não é simples. Toda a documentação é manuscrita e está em português arcaico, o que exige o aprendizado da paleografia – estudo das escritas antigas. “Para ler manuscritos como esses, é necessário entender as abreviaturas e ter conhecimento das técnicas de escrita da época”, alerta Denise.

Daniel Patire



Reprodução

(Transcrição de um trecho de documento)

“Possuía antigamente esta câmara da vila de Santos, capitania de São Paulo, os rendimentos dos subsídios que voluntária e generosamente ofertou (?) a Fazenda Real de V. M. [Vossa Majestade], que hoje os possui, cobra e além deste passado e relevante serviço faz frequentemente os serviços presentes. Em os tempos precisos nomeia um tesoureiro para receber os dinheiros das alfândegas, outro para o cofre e dinheiro dos órfãos e do novo imposto; outro para o almoxarife da Fazenda Real e outro finalmente para fiel das mesadas que de cada alqueire de sal se paga para as tropas desta praça. E na contingente quebra ou falta de bens dos respectivos tesoureiros ficam dirigidos os bens dos oficiais da câmara que os elegerão.”

Carta dos oficiais da Vila de Santos ao rei português D. José I, de 25 de junho de 1768

Centro reproduz documentos históricos

Criado em 1983 pelo Programa de Pós-Graduação em História da FHDSS, o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica (Cedaph) é um laboratório de apoio ao desenvolvimento de projetos de iniciação científica, mestrado e doutorado.

Coordenado pela professora Tânia Costa Garcia, o Centro é voltado para a reprografia, ou seja, a cópia de documentos relevantes para as linhas de pesquisa dos historiadores. Um *scanner* de alta definição possibilita a digitalização e a microfilmagem de livros e documentos de dimensões até A0 (84,1x118,9 cm).

A cópia de documentos em parceria com instituições como a prefeitura de Franca e o Museu Histórico Municipal José Chiachiri, formam grande parte do acervo do Centro. Hoje, dois projetos ocorrem simultaneamente: a digitalização dos documentos da Mitra Diocesana e dos exemplares do *Jornal Comércio da Franca*.

No Cedaph, o historiador tem acesso a relatórios microfilmados de presidentes de Províncias (que antecederam os atuais Estados brasileiros), entre 1835 e 1889, documentos raros da Capelinha de Franca, além de documentos microfilmados do Arquivo do Estado e outros relativos à América Latina colonial.

O Centro disponibiliza aos estudantes equipamentos, como máquinas fotográficas, filmadoras, *lap-tops* e *pen-drives* para a realização das pesquisas. “O Cedaph conta também com o apoio da prefeitura, que nos cedeu uma estagiária do Arquivo Municipal, para nos auxiliar”, diz Tânia.

(DP)



Tânia: apoio à pesquisa de iniciação científica, mestrado e doutorado

Daniel Patire